

ANNO 1º

15 de Maio de 1897

NUMÉRO 1.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Ilustrada

Director - M. Bolelho



Redacção e Administração

48 Rue de Laborde

Paris

A **REVISTA MODERNA** é uma publicação quinzenal; todavia para preparar e organizar a expedição das remessas para o Brazil, a administração vê-se forçada a publicar **mensalmente os 3 primeiros numeros.**

Fica entendido que as assignaturas de um anno comprehendem **24 numeros** e as de 6 mezes **12 numeros.**

Aos nossos leitores,

A **REVISTA MODERNA**, fundada com capitães próprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada, sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraçoão eminentemente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuçoão.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluçoão d'este problema, dando à nossa **REVISTA** a valiosa collaboraçoão de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto de Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a **REVISTA MODERNA** conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secçoões do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

As questões politicas serão rigorosamente banidas do nosso programma, e a lucta de partidos não encontrará o menor echo, nas nossas columnas.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicaçoões artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeçoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraçoão, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuçoão impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attençoão.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraçoão** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicaçoão d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepçoões que nos podem acother; mas, sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa **REVISTA**.

A imprensa Portuguesa e Brasileira, sempre justa às ideias boas e sinceras, estamos certos, dará à nossa publicaçoão o lugar que lhe compete.

A DIRECCÃO.

Paris, 15 maio de 1897.

A *Revista Moderna* — à parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar entre as publicações de actualidade destinadas à Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *Revista Moderna*, incumbe ao seu respectivo autor.



CHRONICA

A Revista



DIRECÇÃO da *Revista Moderna* deseja que eu a explique e a louve deante dos amigos que ella já presente, e risonhamente espera, no Brasil e em Portugal. E tal louvor é docemente facil.

Apparecendo n'este meado de Maio, com as Flores de Maio, sem ruido, na ponta ligeira das suas paginas bem ornadas, tão silenciosamente como as proprias rosas de Maio, ella tem por programma dar Noticias e dar Imagens: — e eu não conheço Programma, que, sob esta simplicidade familiar, imponha trabalho mais aspero, e, depois de realisado com disciplina e com gosto, seja d'uma utilidade mais substancial para todos aquelles, innumeraveis, que no immenso In-folio do Mundo apenas tem o vagar de percorrer açodadamente o Indice!

A Noticia e a Imagem são com effeito resumos supremos, postos em curtas linhas e em finos traços, de vastos e complicados movimentos do Pensamento e da Acção. Quando o meu Jornal conta que se achou e venceu o bacillo d'uma Peste — quantos annos de paciente experimentação, de attenta e sagaz analyse, d'anciedades e luctas com a Materia rebelde, elle resume n'essa linha apressada e secca! Quando a minha Illustração, n'uma estreita gravura, me mostra uma inundação ou um incendio ou uma batalha, quantos desesperos, e angustias, e bestiaes egoismos, e renunciamentos magnificos, e tormentos da carne, e espantos da alma, ella condensa e immobilisa n'esses contornos ligeiros sem consistencia e quasi sem sombra! Noticias e Imagens são assim extractos fortemente concentrados da Vida ambiente, que, cahindo na

nossa imaginação, desenvolvem n'ella toda emoção viva que em si contem, — exactamente como essas gotas d'essencias, que, entornadas n'um vaso d'agoa, o repassam do seu sabor, do seu aroma, da sua virtude nociva ou benefica. O Tempo, o velho da negra foice, è quem ordinariamente se encarrega de redusir a Noticias e Imagens os mais complexos e longos factos do Espirito ou da Vida. Tudo quanto subterraneamente ou ambientemente servio para os crear, desenvolver e vivificar, elle vae cada dia eliminando e tragando, até que o facto fica desbastado, descarnado, na nudez do seu esqueleto essencial, cabendo todo n'uma linha impressa ou nos curtos riscos d'um lapis esperto. Os maiores acontecimentos da Historia, que agitaram durante seculos imperios e massas humanas, andam hoje comprimidos dentro da pagina d'um compendio que as creanças decoram merendando e rindo. Todas as grandezas, e conquistas, e devastações de raças, e edificações de cidades que tornaram Rhameses equal aos Deuses, não dão para mais d'uma phrase erudita, nem para mais d'um desenho representando um vago Pharaoh de barba encarocollada, com as duas mãos immoveis sobre os joelhos. E d'aqui a quatro ou cinco mil breves annos a Revolução Francesa, cuja historia atulha Bibliothecas e ainda se não completou — andarà contada nas Escolas em vinte ou trinta palavras, e a unica imagem, sufficientemente expressiva para a commentar, será um bando de esfarrapados derrubando uma fortaleza.

Ora, faser rapidamente, e cada semana, esta simplificação concentrada da Historia, como o Tempo detidamente a faz atravez dos seculos vagarosos, é tarefa mais arquejante do que fa-

bricar uma nobre Theoria Social ou desenrolar uma nova formula d'Arte. Com duas resmas de papel, uma collecção de systemas, alguma phantasia especulativa, muito vagar, muita independecia, facilmente se construe um systema philosophico ou esthetico, decente e até vistoso... Mas resumir nitidamente, substancialmente, n'uma columna, toda esta tenebrosa, intrigada, conflictiva, dispersa historia da guerra Turco-Grega — eis ahi façanha de que Hercules, com toda a sua leviandade heroica, se arredaria, preferindo com certesa voltar às cavallariças d'Au-gias!

E no entanto esta tarefa difficil é a mais utilmente generosa que pode hoje emprehender uma Revista. Tão profusa, e complicada, e tumultuaria, e rapida se tem tornado a vida moderna que, se os seus factos dominantes não fossem flagrantemente apanhados em imagens concretas, e fixados em resumos limpidos, nós teriamos sempre a afflictiva sensação de irmos levados n'um confuso e pardacento redomoinho de ruido e poeira. Seria como se deante de nós se folheiasse vertiginosamente um livro, ou passassem, em manchas sucessivas e fugidias, grossas estampas que o vento baralhasse e levasse : e assim ficaríamos sem ler jamais o enredo da nossa propria Historia, ou sem demorar nunca os olhos nos gestos da nossa Acção. Sobretudo soffreriam esta estonteada impressãoaquelles que vivem longe da Europa, e todavia incessantemente olham para a Europa como para o Palco onde se representam cada dia as mais pittorescas, as mais instructivas, as mais patheticas, as mais alegres, as mais profundas, as mais bem-escriptas Tragi-Comedias Humanas. Sem alguém bem dedicado que lhes resuma finamente os entrecchos, e lhes transmita n'um traço veridico a originalidade das attitudes, esses não distinguirão de longe, n'este magnifico Theatro, mais do que um rolo de sombras, sem forma e sem nome, tumultuando em acções que não pareceriam ter razão nem fim. A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediça as scenas e os Actores que, por um momento, merecem risos ou lagrimas...

Mas o melhor serviço d'esta *Revista* será quando nós guie atravez da obra incessante da Civilisação — ou antes vigie á beira da immensa torrente da Civilisação, e rapidamente detenha e colha as obras melhores, antes que todas

tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora. Pensemos que a França escreve cada anno dez mil livros! e a Inglaterra quatorze mil! e a Allemanha desaseis mil! E quantos Quadros se pintão! E quantas Estatuas se modelam! E quantas conclusões da Sciencia! E quantas invenções da Phantasia! Toda esta producção rola com brilho vacillante : e como poderião, aquelles que não vivem parados a observar a estranha corrente, saber do bom livro, ou da fina obra d'arte. ou da descoberta do saber, ou da gentil elegancia, se a *Revista*, com rapida segurança, não escolhesse e apanhasse, d'entre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar, em quanto as outras se embrulham e se somem na nevoa que tudo apaga?

Mas se eu tentasse celebrar todos os serviços que presta a *Revista* condensando a Historia, murmurando a Anedocta, detalhando os Costumes, resumindo as Lettras, expondo a Arte, contando a Sciencia, engastando a Phantasia, mostrando todo um Mundo a outro Mundo, eu não lhe deixaria, n'estas paginas d'estreia, espaço para ella começar alegremente as suas ondeantes e esparsas funcções que podem ir desde a chronica d'uma Revolução até ao desenho d'um Figurino. Nem me retardo mesmo em a louvar pela graça e luxo com que ella se veste e se adorna, para passear, conduzindo o seu Publico, atravez da Civilisação... De resto eu notava que ella nasce em Maio e com as flores de Maio. Ora de nada serve espetar deante d'uma roseira um eloquente cartaz, exaltando as rosas que vão abrir, o brilho da sua carnação, a fina excellencia do seu aroma, os cuidados que se empregaram na sua cultura, e os ramos que com ellas se comporão para embellesar a vida. O melhor é que a roseira desabroche, — e, se as flores forem de resplandecente viço, não faltará quem as admire, e as respire, e as córte, e as conserve. Sobretudo uma *roseira*, que, como a da velha e graciosa lenda do Indostão, sabe os annaes dos Povos, desfia os segredos da Natureza, murmura os boatos dos palacios e das choupanas, repete as nobres cousas que estão nos livros, ensina as maravilhas escondidas na Arte, conhece divertidas ou tocantes historias, e depois, só por si, é, como qualquer outro florido e perfumado arbusto de jardim, um « sêr de belleza », e portanto segundo affirma o Poeta inglez, um « creador de felicidade »!

E. Q.



ACTUALIDADES

A Guerra Turco-Grega

A GUERRA actual teve, como causa remota, o renascimento do hellenismo, no Oriente, pela acção occulta e poderosa da celebre sociedade *Etniké Hetairia* e como causa proxima, a revolta da ilha de Creta e a intervenção inhabil do *concerto europeu* nos negocios d'Oriente.

Os acontecimentos de Creta, sobejamente conhecidos dos nossos leitores, podem resumir-se nos factos seguintes: Nos fins de Janeiro do corrente anno, rebenta na ilha, uma insurreiçã, para sacudir o jugo turco e por não ter sido applicada a constituição, que em 1896, o sultão outhargara. Os insurgentes, em numero consideravel e excitados pelos massacres turcos, atacam as cidades importantes da Creta e principalmente a Canéa.

Estas noticias causam, em Athenas, uma grande effervescencia; a oppiniã publica força o governo a enviar a Creta, uma flotilha de torpedeiros, commandada pelo principe George, e um troço d'infanteria tendo á sua frente o coronel Vassos, com ordem d'expulsar os turcos e de proclamar a annexaçã da ilha ao reino de Grecia.

As grandes potências, ciosas da integridade do imperio ottomano e *para evitarem a guerra no Oriente*, occupam militarmente os principaes portos de Creta e, sem terem em consideraçã os ardentes desejos philhellenos da populaçã da ilha, decretam a sua autonomia sob a soberania do Sultão.

Os insurgentes declaram não aceitar semelhante determinaçã e o coronel Vassos responde que só recebe ordens do seu rei e que, em nome d'este, considera a ilha como territorio grego.

Então começa um revoltante estado de coisas.

Quando os turcos, atacando os christãos, pilham e incendiam os suburbios dos portos, occupados pelas forças internacionaes, estas assistem impassiveis ás façanhas dos musulmanos; mas logo que os insurgentes investem uma posiçã turca, as esquadras europeas bombardeam simultaneamente, o campo dos christãos, fazendo baixar o pavilhão grego.

Foi assim que, a 23 de Março, os insurgentes, tendo atacado furiosamente o forte de Malaxa, que já não resistia, por falta de viveres, os almirantes decidiram a liberaçã dos turcos e bombardearam *energicamente* o campo grego, fazendo numerosas victimas e obrigando os insurgentes a retirarem-se para o interior.

Ao mesmo tempo os torpedeiros e cruzadores internacionaes impediam a entrada de viveres e munições na ilha, e mettiam a pique os pequenos navios gregos que pretendiam escapar ao bloqueio.

Perante esta coalizã de todos os governos europeos contra a Grecia, o povo helleno, exaltado ao ultimo grao, clama a guerra nas praças de Athenas e até nos vestibulos do palacio real e o proprio soberano comprehende que a sorte da Grecia se deve jogar, na fronteira da Macedonia, aonde os turcos, silenciosamente, concentram forças consideraveis.

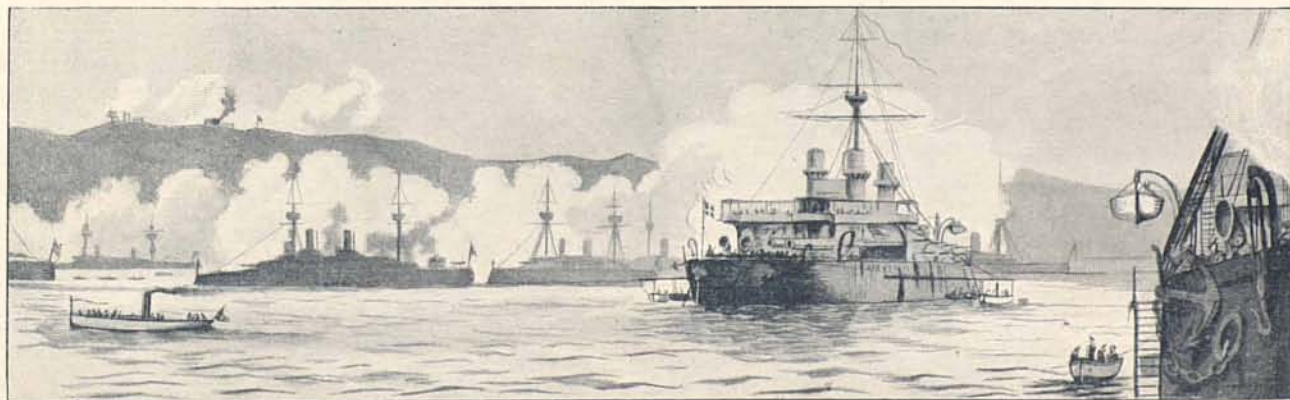
O principe real e seu irmão partem, para a Thessalia, no meio d'um entusiasmo indescriptivel e em poucos dias 60,000 gregos impacientes e resolutos, vêm, das alturas dos montes Olympos, o exercito ottomano — forte de 140,000 homens — avançar, cantando hymnos de guerra.

A partir d'este momento o conflicto era inevitavel.

Os paizes do *concerto europeu* sabiam-no muito bem e, hypocritamente, o clamavam na imprensa officiosa; mas em vez d'evitarem a primeira effusã de sangue, ficaram em Creta, vigiando-se uns aos outros, com aquella desconfiança polida dos jogadores de má fé.



Um Evzono.



O Bombardeamento de Malaxa, pelas esquadras das potencias coalisadas.



Príncipe Constantino.
Commandante em chefe das tropas gregas.

No dia 16 de Abril, os turcos tentam ocupar o posto neutro de Analipsis, na fronteira da Thessalia e são repellidos pelos gregos, que por sua vez invadem a Macedonia, destruindo varias aldeias turcas. No mesmo dia os fortes de Preveza bombardeiam e mettem a pique o vapor grego *Macedonia*, que sahia d'Arta.

Ao mesmo tempo a Turquia, invocando como *casus belli* a investida da Macedonia pelas bandas gregas, arranca finalmente a mascara, e declara a guerra.

Immediatamente a Grecia toma a offensiva na fronteira thessálica e no Epiro; n'este ultimo ponto, os coraçados gregos *Mioulis e Rei George* começam o bombardeamento de Preveza, ao passo que 4 canhoneiras desembarcam, do outro lado do golpho, 2,000 hellenos que se dirigem para Janina.

A engenharia constroe uma ponte, sobre o rio Aractos e, apezar da grande resistencia dos turcos, consegue fazer entrar no Epiro, a sua artilharia, que avança para o norte.

Na Macedonia, uma banda de irregulares gregos e de voluntarios sicilianos, avança até Karia, villa turca situada no caminho, que de Nezeros, na Thessalia, vae ao valle de Davia, perto de Ellassona.

O combate, em frente d'esta villa, foi encarnigado e sanguinolento; desde as 6 horas da manhã até a meia-noite; os gregos combateram contra 4 batalhões turcos, que, sob o commando de Hamdi-pacha, tinham vindo ao socorro de Karia e apezar do fogo incessante e denso dos turcos, os hellenos só retiraram quando novos reforços deram ao ennemigo uma superioridade esmagadora.

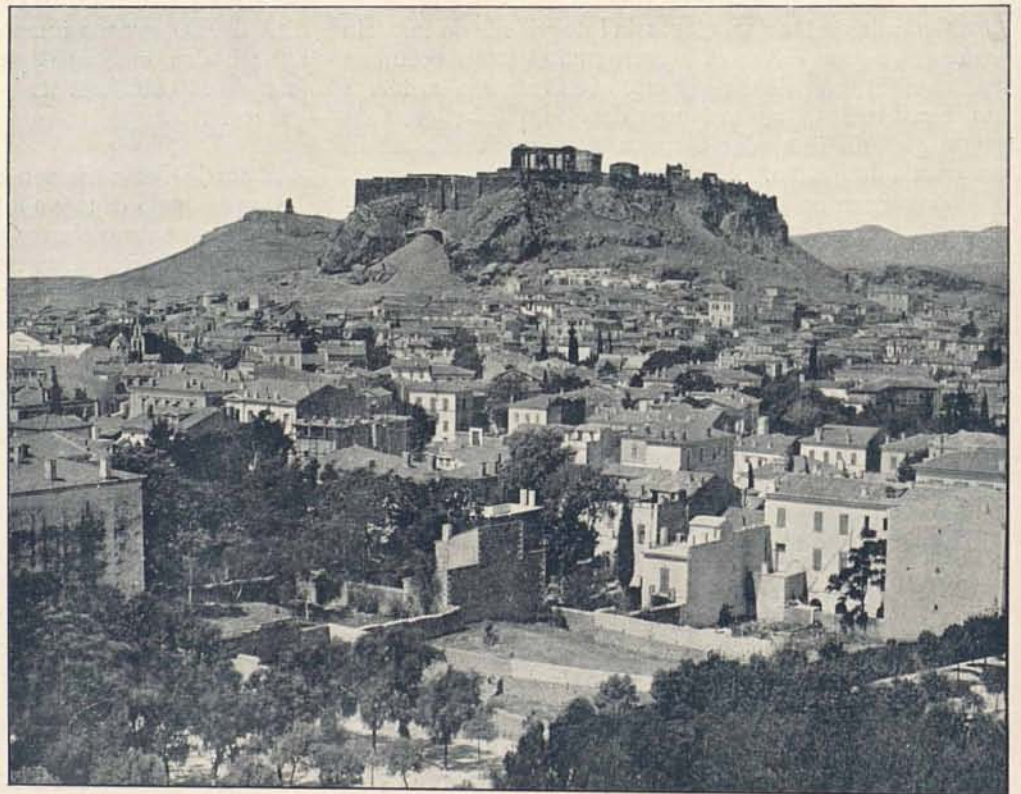
Esta foi a primeira batalha da guerra turco-grega e a unica travada na Macedonia. A partir d'esta audaciosa investida, os gregos recuam, pouco a pouco, perante o numero crescente do inimigo e durante quatro dias disputam, palmo a palmo, as posições estrategicas da fronteira, desde Nezeros ao desfiladeiro de Raveni.

Esta phase da lucta foi verdadeiramente heroica.

O exercito turco, segundo o plano d'Edhem-pacha, investiu a Thessalia por 3 vias diferentes. A divisão Handi, reforçada pelas tropas d'Ellassona e de Platamona, occupou Nezeros, Rapsani, etc. A columna central, commandada por Osmer Vechat atacou Legaria e as posições gregas das vertentes do Kriteri, ao passo que a terceira divisão, vencendo as tropas gregas e contornando os montes Kriteri, se aproximou de Tournavos.

Em todos estes pontos, a resistencia dos gregos fez prodigios de valor. Combatendo dia e noite, sem descanso, o soldado helleno não desanimou perante as forças do adversario, que elle sabia consideravelmente superiores, nem perante as primeiras derrotas, que resgatava por um redobramento d'energia; alguns dos batalhões ficaram 36 horas sem comerem, sem dormirem, batalhando continuamente contra um inimigo incessantemente renovado, defendendo, á ponta da baionetta, o territorio patrio, e, quando vencidos, organisando retiradas gloriosas que equivaliam a outras tantas victorias.

A sua coragem foi de tal modo epica e tão desusada a sua bravura que o correspondente de um jornal inglez, que assistia á lucta, escreveu, entusiasmado, para o seu jornal: « *na verdade o soldado grego é o melhor soldado do mundo* ».



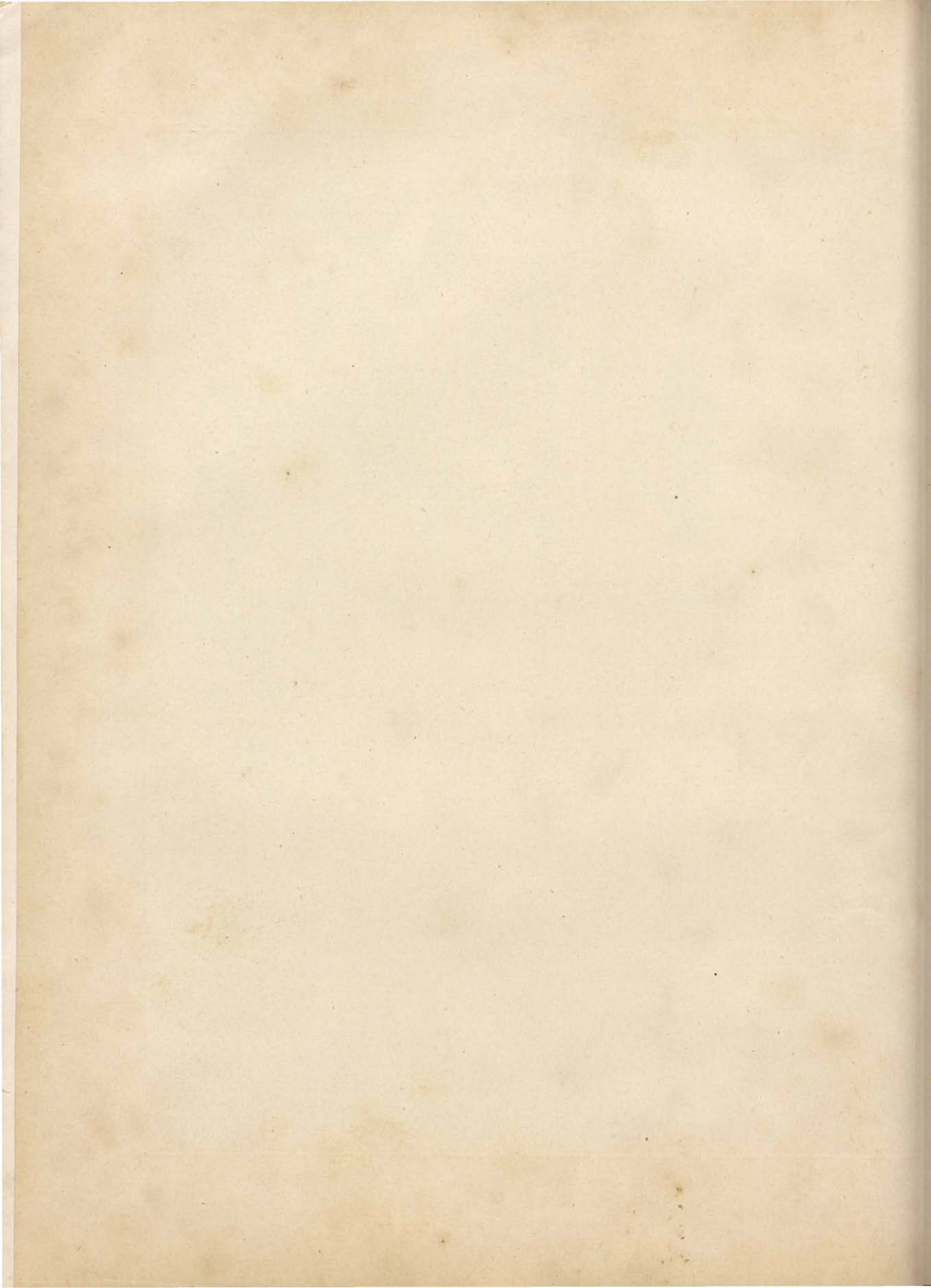
Vista da Acropole, em Athenas.

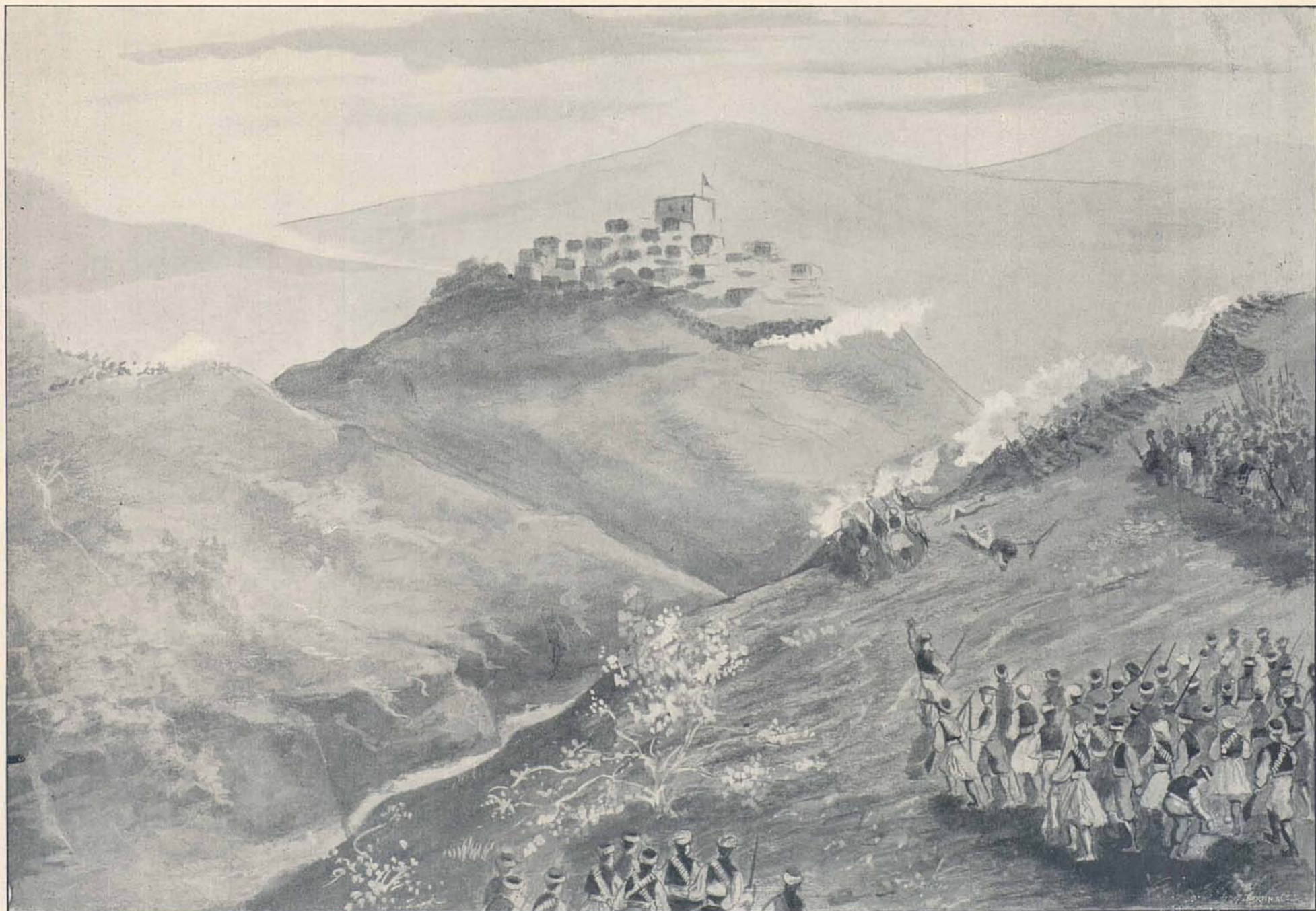


A. E. ARTIGUE

Flôres de Primavera

Salon de 1897





Os reforços turcos, commandados por Hamdí-pachá

Villa de Karia

Tropas irregulares gregas

BATALHA DE KARIA

Quando as tropas turcas tomando á bayoneta o forte de Kriteri, — o ultimo que, na muralha natural dos montes Olympos, guardava o caminho da Thessalia — descobriram a fertil planicie de Mati e ao fundo Tournavos, um immenso clamor de triumpho e de alegria rebentou dos peitos offegantes, como se a lucta estivesse terminada e a marcha sobre Larissa fosse uma simples marcha triumphal.

O caminho da importante cidade grega estava com effeito aberto ao vencedor, que, quatro vezes superior em numero, sabia, de antemão, que uma batalha na planicie equivalia a uma victoria.

Essa batalha foi a de Matti.

Sabendo que os turcos desciam a vertente de Melouna entre Ligara e Tournavos e marchavam sobre esta ultima cidade, os gregos, determinaram, dar uma batalha,

liram o ataque da cavallaria turca. Uma grande esperanza brilhava enfim do lado das hostes hellenas e ás sete horas da noite, depois de um grande dia de desesperada resistencia o coronel Mastrapas guardava ainda o caminho de Tournavos e de Larissa.

Subito, chega d'esta cidade, aonde o principe tinha o seu quartel general, uma ordem de retirada immediata. Porque? Com que fim? Nunca se soube. Mas esta ordem foi a perda da Thessalia, e constituiu o maior desastre, o unico afinal, que os gregos tiveram n'este primeiro periodo da campanha.

O coronel Mastrapas, escravo da disciplina, deu tristemente o signal da retirada, uma retirada funebre, no meio de uma noite sem lua, de uma noite negra e fria, que enchia de desanimo os mais corajosos.



O principe Constantino e os seus adjutantes de campo, inspectando as tropas gregas, na fronteira da Macedonia.

decisiva para a sorte da Thessalia. O coronel Mastrapas tomou o commando das tropas hellenas, que se compunham de 1000 evzonos, 4000 soldados d'infanteria e uma bateria de 6 canhões. A infanteria e a artilharia foram postas em linha de batalha, a 4 kilometros ao norte de Tournavos. Ao mesmo tempo do lado do desfiladeiro de Raveni as forças gregas da região occidental operavam a sua concentração.

Os turcos avançavam e como sempre o seu exercito, consideravelmente superior ao do inimigo, marchava em columna compacta. No primeiro dia do combate, 21 de Abril, os gregos guardaram victoriosamente as suas posições, apesar do terrivel bombardeamento da artilharia turca. Na manhã do dia seguinte, a grande batalha, continuou, dos lados de Raveni. Os gregos mantinham-se em boa ordem e por duas vezes repel-

Então, das almas guerreiras dos soldados, apoderou-se um desespero indescritivel, a raiva de quem vê todos os seus esforços aniquilados, por uma vontade superior, cuja decisão não comprehende. Gritos de revolta e de ameaça partiram das fileiras, e bem depressa a indisciplina, desorganizando os batalhões, todo o exercito se transformou n'uma banda d'insurgentes, clamando traição e marchando, sobre Larissa, n'um impeto de cholera e de vingança.

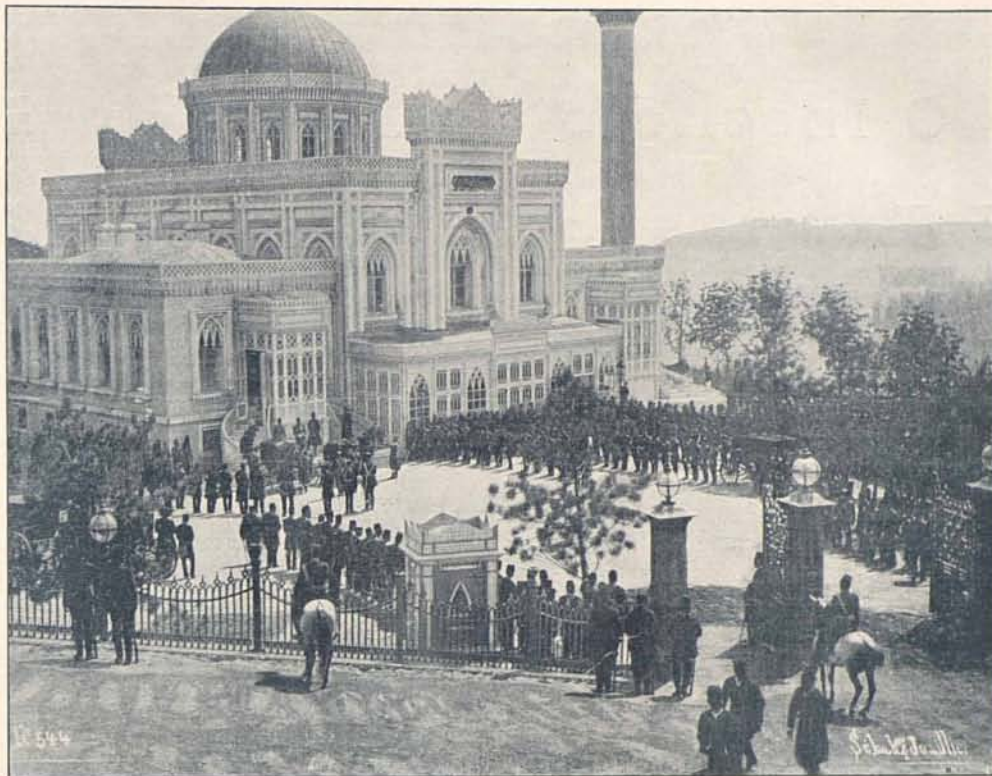
Aos seus lados, a população da cidade abandonada, caminhava, n'um doloroso exodo; os velhos, mulheres e creanças, juntavam as suas lamentações ás imprecações dos soldados e nada era mais tetrico do que este cortejo de desalento e dor.

De repente, um grande ruido sóbe do lado de Tournavos, e um grito brada: *La veem os turcos!*... Um ter-

ror indescriptível apodera-se de todos e, no meio da obscuridade completa, começa uma fuga desordenada, furiosa ao passo que a infantaria, julgando ser atacada pela cavallaria musulmana, responde por uma fuzilada terrível.

Quando cessou, finalmente, este inexplicavel panico, os gregos comprehendiram, aterrados, que tinham fusilado outros gregos, que como elles fugiam, e o caminho de Tournavos a Larissa estava cheio de cadaveres.

A partir d'esta noite funesta, o exercito perdeu a confiança nos seus chefes e quando Larissa foi, por sua vez, abandonada aos turcos sem a menor resistencia, os soldados, passivos e silenciosos, marcharam tristemente para Volo, com a convicção que tinham sido trahidos.



Sahida do Sultão, do palacio de Yidiz Kiosk, para a Mosquita.

Em Athenas, estas noticias foram acolhidas por uma explosão de cholera violenta. O povo invadiu os armazens d'armas, e, desesperado, rasgou nas livrarias e cafés os retratos do soberano que, dias antes, aclamara. Pelo seu lado, o rei George exigiu a demissão do ministerio Delyannis, chamou Ralli, chefe da opposição, para a formação de um novo gabinete, ordenou a disponibilidade do principe real e do seu estado maior. Estas medidas, dando até certo ponto satisfação a oppinião publica, calmaram os espiritos, que de novo se voltaram para a Thessalia, onde o estado maior se esforçava de reorganisar o exercito e de se oppôr á marcha dos turcos sobre Volo.

N'este ultimo periodo da invasão da Thessalia ha



O general Edhem-pachá.
Commandante em chefe das tropas turcas

a contar mais um facto heroico, em favor dos gregos.

Durante dois dias, a brigada d'artilheria Smolenski, que já fizera prodigios em Melouna, repelle os ataques formidaveis dos turcos e inflige enormes perdas ao inimigo, decimando-lhe completamente um batalhão, e destruindo uma grande parte da sua artilheria.

Mas a tactica d'Edhem pachá, fazendo avançar o numero consideravel das suas forças, em trez columnas convergentes, obrigou os hellenos a abandonar Pharsala, descobrindo assim Volo, que a esquadra grega de Leste não pode proteger.

No Epiro a sorte das armas gregas não foi mais favoravel. O coronel Manos, que se avançara ate Phylipiadés, que por duas vezes atacara, foi obrigado a retirar-se para Arta; a esquadra d'Oeste não conseguiu ainda vencer Preveza.

No momento em que escrevemos estas linhas, o exercito musulmano occupa toda a Thessalia, desde Volo a Trikala.

A diplomacia européa, aquella famosa diplomacia que creou, pela occupação de Creta, a situação actual e que assistiu impassivel aos sanguinolentos combates da fronteira da Macedonia, *resolve-se*, finalmente, a intervir, offerecendo á Grecia, gloriosamente vencida, uma mediação, que o orgulho nacional não pôde aceitar.

A Grecia comprehende que, do successo da lucta, depende a sorte do hellenismo; tem, apesar de tudo, confiança na tradicional bravura do seu exercito; e espera — com a tenacidade dos que servem a causa da justiça — que um novo heroe resista, nas Termopylas, a furia do invasor.

As propostas de paz são portanto, na situação actual, inaceitaveis, e já que a Europa não quiz ou não soube evitar o conflicto, que ella continue a observar a mesma reserva cautelosa, e deixe aos descendentes de Leonidas a liberdade de vencer ou de morrer.

Luís SERRA.

O Incendio do Bazar da Caridade

No dia 4 de Maio ardeu em Pariz, um barracão de madeira em que as damas da aristocracia franceza e cosmopolita faziam uma feira em beneficio de obras religiosas e de caridade e no incendio morreram 146 pessoas, das quaes apenas quatro homens, e foram mais ou menos queimadas e feridas muitos centos.

O incendio, devido á explosão de uma lanterna de cinematographo, que communicou o fogo ás cortinas da tenda, durou apenas um quarto de hora.

Um grande *velum* extendido sobre a vasta quadra, que tinha cem metros de comprido sobre quarenta de largo, cahiu como um lençol de fogo sobre as desgraçadas, incendiando-lhes as cabelleiras, os chapéus, as golas feitas de fazendas leves, que a pretexto de agazalho emmolduram os rostos, e regando-as com uma pavorosa chuva de alcatrão inflammado. Houve uma terrivel disparada para as sahidas, que eram insufficientes, e alguns centos de mulheres sahiram para a rua como archotes vivos e inextinguíveis. Algumas vieram morrer na calçada, tisonando o céu azul da tarde de primavéra com a funarada negra do fogo sinistro alimentado pela gordura das carnes delicadas. A maior parte cahiu em montes, fazendo altas fogueiras, que o jacto tardio da agua das bombas veio apagar por fim.

A rapidez quasi explosiva do desastre, a qualidade das victimas, pertencentes quasi todas ás camadas superiores, visiveis e decorativas da sociedade, e o horror particular d'esse genero de morte, em contraste tão violento com a vida que lhes asseguravam o nascimento illustre, a riqueza e a posição social, produziram em Pariz primeiro e depois no mundo inteiro o espanto unanime das grandes catastrophes. Aos gritos loucos das miseraveis queimadas, aos soluços dilacerantes dos que sem consolo choram mulheres, mães, irmans e filhas, respondeu um longo gemido de piedade. Cada um sentiu-se tocado pela aza do Anjo do Exterminio e o respeito tributado ás grandes dôres misturou-se com o vago pavor religioso da vizinhança ameaçadora da Morte.

A ennumerção das mortas reconhecidas pelos parentes e amigos no deposito dos cadaveres, entre scenas pungentes que a imprensa teve a diserção de não descrever, seria longa demais. Vae desde a duqueza d'Alençon, princeza de sangue real, irman da Imperatriz da Austria, e cujo corpo mutilado, estripado, carbonizado, informe, só foi reconhecido pelo seu dentista, á camareira e ao laçao que acompanhavam algumas das damas

nas suas obras de caridade. O nobiliario francez fornece a maior parte dos nomes da lista. O resto são mulheres e filhas de banqueiros e altos funcionarios do Estado, gente que tambem dá festas e que vae ás festas mundanas. Poucas burguezas, nenhuma mulher do povo, a não serem as creadas. Algumas religiosas, cuja presença fôra solicitada para o fim caridoso da feira, que rende annualmente cerca de um milhão para as instituições piás de beneficencia. A fraca proporção de homens achados no entulho se explica pelo facto de ser quasi exclusivamente composta de senhoras a clientela das feiras e bazares de caridade. Os homens dão o dinheiro e se esquivam á tarefa de o levar aos balcões das fidalgas logistas amadoras.

Além do grande numero de vidas, o Fogo devorou n'esse dia uma fortuna em bilhetes do banco e moedas de ouro e joias preciosas, milhões que alli se achavam. Para que os pobres não percam tudo abriram os jornaes uma subscrição. E no logar do incendio projectam elevar uma capella commemorativa, assim como collocar uma placa acima da janella de arejamento da cozinha do Hotel du Palais, por onde os cozinheiros do hotel salvaram trinta e tantas pessoas.

A vida de Pariz soffreu uma sorte de syncope, com os seus salões fechados, os theatros diminuidos de freguezia e os campos de corridas privados do seu principal ornamento mundano. Durante alguns dias, filas de carruagens com librés de luto pararam á porta das casas e palacios feridos pela desgraça, nos bairros ricos, Monceau, Saint-Germain, Saint-Honoré, Etoile, Champs-Élysées e uma inter-

minavel procissão de amigos veio trazer os seus pezames ás familias das victimas. O telegrapho mal pode bastar á transmissão das questões anciosas e das respostas tranquillizadoras ou doloridas. O trem rapido para o Sul passou por Lyon sem levar um unico passageiro na noite do desastre.

Os enterros começaram no dia 7. Trinta e cinco funeraes de ricos no mesmo dia foi cousa que nunca se viu em Pariz. As emprezas de pompas funebres não tiveram material sufficiente.

Na Madeleine, em Saint-Philippe-du-Roule, Saint-Roch, Sainte-Clotilde os mesmos pannos negros serviam; apenas se mudavam os escudos d'armas, as corôas de nobreza e as iniciaes dos nomes de familia das defuntas.

E as casas de corôas funerarias ficaram desprovidas desde o primeiro dia. As flôres subiram de preço. As *confectons* de luto se exgottaram nos armazens. E as



A Duqueza d'Alençon.

costureiras e modistas só trabalham em crepe e luto. E um grande golpe para o commercio e a industria pariziense, sem festas durante duas estações pelo menos.

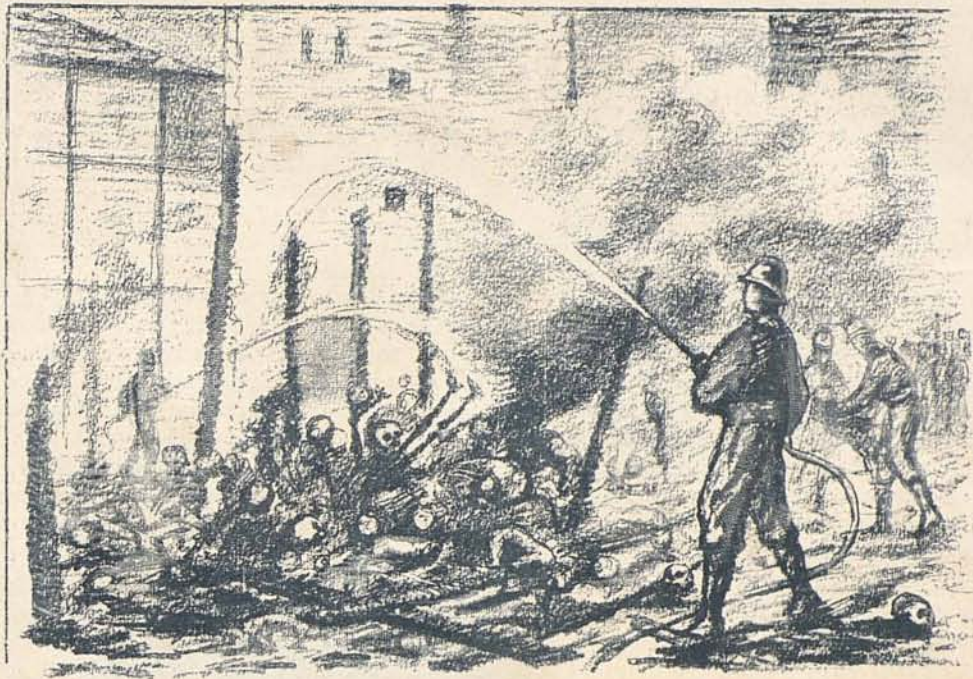
O Estado mandou fazer á sua custa os funeraes dos seis corpos não reconhecidos e dos despojos anonymos encontrados entre o brazido da horrivel fogueira, onde, além d'esses, desapareceram sem deixar vestigio mais vinte e quatro creaturas humanas.

A cerimonia na igreja de Notre-Dame foi singularmente solemne.

A grande igreja de Philippe Augusto ficou cheia a transbordar com a multidão dos grandes funcionarios do Estado desde o Presidente até ás corporações sábias, generaes, fidalgos, grandes damas, familias das victimas, corpo diplomatico estrangeiro, senadores e deputados, letrados e artistas e o alto clero francez. O Lord Mayor de Londres veiu assistir á cerimonia em toda a pompa archaica dos seus mantos de velludo e collares de ouro sobre os hombros, sequito de porta-massas de prata e porta-espada e lacaios bordados de ouro e de cabelleiras empoadas, como nos bellos tempos da Renas-



Bazar da Caridade.
Vista interior tomada antes da abertura da venda.



Um brazeiro humano
(Croquis feito, no ocal do sinistro, pelo nosso desenhador especial).

cença. O Principe Radziwill, representando pessoalmente o Imperador da Allemanha, em Embaixada especial, estava de uniforme de general prussiano. E as corôas mandadas pelos reis e imperadores representados no funeral, adornavam o immenso catafalco que se alteava no centro da igreja, rodeado de tochas accesas e de fachos de chammas verdes.

Um incidente apenas destou entre a unanime piedade dos que assistiam aos funeraes. O Padre Ollivier, dominicano prégador do Notre-Dame, na sua allocução facilmente eloquente lançou a responsabilidade da catastrophe aos crimes, á dissolução dos costumes, ao abandono das tradições politicas da França. O incendio da rua Jean-Goujon para elle é uma expiação, um sacrificio de innocentes como aviso do céu aos culpados, para que se arrependam.

O que ha poucos seculos ou em outra terra teria impressionado sinistramente ou religiosamente, em Pariz apenas pareceu inconveniente e desastrada apostrophe rhetorica, boa para outros auditorios e outras occasiões.



O Duque d'Aumale

VICTIMA indirecta da grande catastrophe de 4 de maio, falleceu na sua propriedade de Zucco, na Sicilia, S. A. R. Henrique-Eugenio-Fillipe Luiz de Orleans, duque de Aumale, quarto filho de Luiz Fillipe, rei de França e de Maria Amélia de Bourbon Sicilia. A noticia da morte tragica de sua sobrinha a Duqueza de Alençon, fulminou o illustre velho que procurava, no ameno clima de Italia, um repouso reconfortador para as fadigas da sua idade. — Nascido em Paris a 16 de Janeiro de 1822 entrou para o exercito francez com a idade de dezeseite annos, tomando parte activa em diversas campanhas d'entre as quaes a conquista da Algeria, onde se assignalou por brillantissimos servicos, sobresahindo-se na celebre tomada do acampamento arabe do chefe Abd-el-Kader na qual à frente de quinhentos homens de tropa dispersou vinte mil, aprisionando muitos centenaes e apoderando-se de todas as armas e bagagens. Quatro annos mais tarde conseguia a submissão do mesmo chefe, sendo nomeado governador geral das possessões da Africa quando arreventou em França a Revolução de Fevereiro de 1848. Em circumstancias tão dolorosas para si e sua familia a conducta do illustre principe foi cheia de nobreza e dignidade.

Não querendo de modo algum explorar as grandes sympathias que possuia no valente exercito da Africa, para organizar uma resistencia da qual poderia sahir uma guerra civil, foi o primeiro a aconselhar a colonia e o exercito a submeterem-se ás decisões da mãe patria e entregando o governo ao general Cavaignac, embarcou-se em companhia do principe e da princeza de Joinville para o exilio onde passou vinte longos e tristes annos, até a queda de Napoleão III. Eleito membro da Assembléa Nacional em Fevereiro de 1871, só toma

assento em junho do mesmo anno, epocha na qual forão revogadas as leis de exilio. Em Janeiro de 1872 é recebido membro da Academia Francesa, substituindo M. de Montalembert. Nomeado presidente do conselho de guerra que condemnou o marechal Bazaine à pena ultima por crime de alta traição, dirigio os debates com grande imparcialidade, assignando depois do julgamento com os demais membros do conselho um recurso

de graça pedindo a commutação da pena. Em 1886, um decreto do governo fere sem excepção todos os principes da familia de Orleans e alguns mezes mais tarde são os mesmos riscados dos quadros do exercito e da marinha franceza. O duque d'Aumale dirigio, n'essa occasião, uma carta ao presidente da Republica Jules Grévy que assim terminava « Quanto a mim, décano do estado-maior francez, tendo cumprido sempre, tanto na paz como na guerra, os mais sagrados deveres d'um soldado, cumpre-me lembrar-vos que os póstos militares estão acima da vossa competencia e que continuarei sempre, a ser, o general Henrique de Orléans, duque de Aumale ». Forçado novamente a deixar a patria, parte para a Belgica, installando-se em Bruxellas, de onde mezes depois desejando provar o seu grande amor pela França e collocando-se acima dos rancores da politica faz doação ao Instituto de França do seu esplendido dominio e castello de Chantilly.



O Duque d'Aumale.

Soldado bravo e victorioso, era, tambem, o illustre principe, um escriptor de grande talento e vasta erudição, e d'entre as obras litterarias que deixa, sobresae: *A historia dos Principes da Casa de Condé*; *As instituições militares, da França*; *Os zuavos e caçadores a pé*; *O captivo do rei João*; *O Cerco d'Alésia*, etc.

M. B.





A PERFEIÇÃO

I

S

ENTADO n'uma rocha, na ilha de Ogigya, com a barba enterrada entre as mãos, d'onde desaparecera a aspereza callosa e tisonada das armas e dos remos, Ulysses, o mais subtil dos homens, considerava, n'uma escura e pesada

tristeza, o mar muito azul que mansa e harmoniosamente rolava sobre a areia muito branca. Uma tunica bordada de flores escarlates cobria, em pregas molles, o seu corpo poderoso, que engordara. Nas correias das sandalias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados d'essencias, relusiam esmeraldas do Egypto. E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, remattado em pinha de perolas, como os que usam os Deuzes marinhos.

A divina Ilha, com os seus rochedos d'alabastro, os bosques de cedros e thuias odoríferas, as messes eternas dourando os valles, a frescura das rozeiras revestindo os outeiros suaves, resplandecia, adormecida na molleza da sesta, toda envolta em mar resplandecente. Nem um sopro dos Zephyros curiosos, que brincam e correm por sobre o Archipelago, desmanchava a serenidade do luminoso ar, mais doce que o vinho mais doce, todo repassado pelo fino aroma dos prados de violetas. No silencio, embebido de calor affavel, eram

d'uma harmonia mais emballadora os murmúrios d'arrosios e fontes, o arrulhar das pombas voando dos cyprestes aos platanos, e o lento rolar e quebrar da onda mansa sobre a areia macia. E n'esta ineffavel paz e belleza immortal o subtil Ulysses, com os olhos perdidos nas agoas lustrosas, amargamente gemia revolvendo o queixume do seu coração...

Sete annos, sete immensos annos, iam passados desde que o raio fulgente de Jupiter fendera a sua nave d'alta prôa vermelha, e elle, agarrado ao mastro e á carena, trambulhára na braveza mugidora das espumas sombrias, durante nove dias, durante nove noites, até que boiara em agoas mais calmas, e tocara as areias d'aquella ilha onde Calypso, a Deusa radiosa, o recolhera e o amara! E durante esses immensos annos, como se arrastara a sua vida, a sua grande e forte vida, que, depois da partida para os muros fataes de Troia, abandonando entre lagrimas innumeraveis a sua Penelope de olhos claros, o seu pequenino Telemaco enfaixado no collo da ama, andara sempre tão agitada por perigos, e guerras, e astucias, e tormentas, e rumos perdidos?... Ah! ditosos os Reis mortos, com formosas feridas no branco peito, deante das portas de Troia! Felizes os seus companheiros tragados pela onda amarga! Feliz elle se as lanças troianas o trespassassem n'essa tarde de grande vento e poeira, quando, junto à *Faia*, defendia dos ultrajes, com a espada sonora, o corpo morto d'Achilles! Mas não! vivera! — E agora, cada

manhã, ao sahir sem alegria do trabalhoso leito de Calypso, as Nymphas, servas da deusa, o banhavam n'uma agoa muito pura, o perfumavam de languidas essencias, o cobriam com uma tunica sempre nova, ora bordada a sedas finas, ora bordada de ouro pallido! No entanto, sobre a mesa lustrosa, erguida á porta da gruta, na sombra das ramadas, junto ao sussurro dormente d'um arroio diamantino, os acafates e as travessas lavradas transbordavam de bolos, de fructas, de tenras carnes fumegando, de peixes scintillando como tramas de prata. A Intendente veneravel gelava os vinhos doces nas krateras de bronze, coroadas de rosas. E elle, sentado n'um escabello, estendia as mãos para as iguarias perfectas, em quanto ao lado, sobre um throno de marfim, Calypso, esparcando atravez da tunica nevada a claridade e o aroma do seu corpo immortal, sublimemente serena, com um sorriso taciturno, sem tocar nas comidas humanas, debicava a ambrozia, bebia em golos delgados o nectar transparente e rubro. Depois, tomando aquelle bastão de Principe-de-Povos com que Calypso o prezenteara, percorria sem curiosidade os sabidos caminhos da ilha, tão lisos e tratados que nunca as suas sandalias reluzentes se maculavam de pó, tão penetrados pela immortalidade da Deusa que jamais n'elles encontrara folha secca, nem flor menos fresca pendendo na haste. Sobre uma rocha se sentava então, contemplando aquelle mar que tambem banhava Ithaca, lá tão bravo, aqui tão sereno, e pensava, e gemia, até que as agoas e os caminhos se cobriam de sombra, e elle recolhia á gruta para dormir, sem desejo, com a Deusa que o desejava!... E durante estes immensos annos, que destino envolvera a sua Ithaca, a aspera ilha de sombrias mattas? Viviam elles ainda, os seres amados? Sobre a forte collina, dominando a enseada de Reithros e os pinheiraes de Neus, ainda se erguia o seu palacio, com os bellos porticos pintados de vermelho e rôxo? Ao cabo de tão lentos e vassios annos, sem novas, apagada toda a esperanza como uma lampada, despira a sua Penelope a tunica passageira da viuvez, e passára para os braços fortes d'outro esposo forte, que agora manejava as suas lanças e vindimava as suas vinhas? E o doce filho Telémaco? Reinaria elle em Ithaca, sentado, com o branco sceptro, sobre o marmore alto da Agorá? Ocioso e rondando pelos pateos, baixaria os olhos sob o imperio duro d'um padrao? Erraria por cidades alheias, mendigando um salario?... Ah! se a sua existencia, assim para sempre arrancada da mulher do filho tão doces ao seu coração, andasse ao menos empregada em façanhas illustres! Dez annos antes, tambem desconhecia a sorte de Ithaca, e dos seres preciosos que lá deixara em solidão e fragilidade; mas uma empresa heroica o agitava; e cada manhã a sua fama crescia, como uma arvore n'um promontorio, que enche o ceu e todos os homens contemplam. Então era a planicie de Troia — e as brancas tendas dos gregos ao longo do mar sonoro! Sem cessar, meditava as astucias de guerra; com soberba facundia discursava na Assembleia dos Reis; rijamente jungia os cavallos empinados ao timão dos carros; de lança alta corria, entre a grita e a pressa, contra os Troianos d'altos elmos, que surdiam, em roldão ressoante, das portas Skaias!... Oh! e quando elle, Principe-de-Povos,

encolhido sob tarrapos de mendigo, com os braços maculados de chagas postizas, coxeando e gemendo, penetrara nos muros da orgulhosa Troia, pelo lado da *Faia*, para de noite, com incomparavel ardil e bravura, roubar o Palladio tutelar da cidade! E quando, dentro do ventre do Cavallo-de-Pau, na escuridão, no aperto de todos aquelles guerreiros hirtos e cobertos de ferro, calmava a impaciencia dos que suffocavam, e tapava com a mão a boca de Antiklos bravejando furioso, ao escutar fóra na planicie os ultrajes e os escarneos troianos, e a todos murmurava: « Calla, calla! que a noite desce e Troia é nossa »... E depois as prodigiosas viagens! O pavoroso Polyphemo, ludibriado com uma astucia que para sempre maravihará as gerações! As manobras sublimes entre Scylla e Carybdes! As Sereias, voando e cantando em torno do mastro, d'onde elle amarrado as rechassava com o mudo dardejar dos olhos mais agudos que dardos! A descida aos Infernos, jamais concedida a um mortal!... E agora homem de tão rutilantes feitos jazia n'uma ilha molle, eternamente preso, sem amor, pelo amor d'uma Deusa! Como poderia elle fugir, rodeado de mar indomavel, sem nave, nem companheiros para mover os remos longos? Os Deuses ditosos certamente esqueciam quem tanto por elles combatera, e sempre piedosamente lhes votara as rezes devidas, mesmo atravez do fragor e fumaraça das cidadellas derrubadas, mesmo quando a sua proa encalhava em terra agreste!... E ao heroe, que recebera dos Reis da Grecia as armas d'Achilles, cabia por destino amargo engordar na ociosidade d'uma ilha mais languida que uma cesta de rosas, e estender as mãos amolecidas para as iguarias abundantes, e, quando agoas e caminhos se cobriam de sombra, dormir sem desejo com uma Deusa que, sem cessar, o desejava.

Assim gemia o magnanimo Ulysses, á beira do mar lustroso... E eis que de repente um sulco de desusado brilho, mais rutilantemente branco que o d'uma estrella cahindo, riscou a rutilancia do ceu, desde as alturas até á cheirosa matta de thuias e cedros, que assombreava um golpho sereno, a oriente da Ilha. Com alvoroço bateu o coração do heroe. Rasto tão refulgente, na refulgencia do dia, só um Deus o podia traçar atravez do largo Ouranos., Um Deus pois descera á Ilha?

II

Um Deus descera, um grande Deus... Era o Mensageiro dos Deuses, o leve, eloquente Mercurio. Calçado com aquellas sandalias que tem duas azas brancas, os cabellos còr de vinho cobertos pelo casco onde batem tambem duas claras azas, erguendo na mão o Caduceu, elle fendera o Ether, roçara a lisura do mar socegado, pisara a areia da Ilha, onde as suas pegadas ficavam rebrilhando como palmilhas de ouro novo. Apesar de percorrer toda a terra, com os recados innumeraveis dos Deuses, o luminoso Mensageiro não conhecia aquella ilha de Ogigya, — e admirou, sorrindo, a

belleza dos prados de violetas tão doces para o correr e brincar de Nymhas, e o harmonioso faiscar dos regatos por entre as altos e languidos lyrios. Uma vinha, sobre esteios de jaspe, carregada de cachos maduros, conduzia, como fresco portico salpicado de sol, até a entrada da gruta, toda de rochas polidas, d'onde pendiam jasmineiros e madresilvas, envoltas no susurrar das abelhas. E logo avistou Calypso, a Deusa ditosa, sentada n'um Thrôno, fiando em roca d'ouro, com fuso d'ouro, a lâ formosa de purpura marinha. Um aro d'esmeraldas prendia os seus cabellos muito anelados e ardentemente

feitos, e os rostos soberanos, mesmo quando habitam retiros remotos que o Ether e o mar separam.

Mercurio parara, risonho, na sua nudez divina, exhalando o perfume do Olympo. Então a Deusa ergueu para elle, com composta serenidade, o esplendor largo dos seus olhos verdes :

— Oh Mercurio ! por que desceste á minha ilha humilde, tu, veneravel e querido, que eu nunca vi pisar a terra? Dize o que de mim esperas. Já o meu aberto coração me ordena que te contente, se o teu desejo couber dentro do meu poder e do



louros. Sob a tunica diaphana a mocidade immortal do seu corpo rebrilhava, como a neve quando a aurora a tingê de rosas nas collinas eternas povoadas de Deuses. E em quanto torcia o fuso cantava, um trinado e fino canto, como tremulo fio de cristal vibrando da Terra ao Ceu. Mercurio pensou: « Linda ilha, e linda Nympha ! »

D'um lume claro de cedro e thuia, subia, muito direito, um fumo delgado que perfumava toda a Ilha. Em roda, sentadas em esteiras, sobre o chão de agatha, as Nymphas, servas da Deusa, dobavam as lans, bordavam na seda as flores ligeiras, teciam as puras teias em teares de prata. Todas coraram, com o seio a arfar, sentindo a presença do Deus. E sem deter o fuso faiscante, Calypso reconheceu logo o Mensageiro, — pois que todos os Immortaes sabem, uns dos outros, os nomes, os

Fado... Mas entra, repousa, e que eu te sirva, como doce irmã, á meza da hospitalidade.

Tirou da cintura a roca, arredou os aneis soltos do cabello radiante, — e com as suas nacaradas mãos collocou sobre a meza, que as Nymphas acercaram do lume aromatico, o prato transbordando de Ambrosia, e as infusas de crystal onde scintillava o Nectar.

Mercurio murmurou; — « Doce é a tua hospitalidade, o Deusa ! » Pendurou o Caduceu do fresco ramo d'um platano, estendeu os dedos reluzentes, para a travessa d'ouro, risonhamente louvou a excellencia d'aquelle Nectar da Ilha. E contentada a alma, encostando a cabeça ao tronco liso do platano que se cobrio de claridade, começou, com palavras perfectas e aladas :

— Perguntaste por que descia um Deus á tua morada, oh Deusa! E certamente nenhum Immortal percorreria sem motivo, desde o Olympo até Ogigya, esta deserta immensidade do mar salgado em que se não encontram cidades d'homens, nem templos cercados de bosques, nem sequer um pequenino sanctuario d'onde suba o aroma do incenso, ou o cheiro das carnes votivas, ou o murmurio gostoso das preces... Mas foi nosso pae Jupiter, o tempestuoso, que me mandou n'este recado. Tu recolhiste, e retens pela força incomensuravel da tua doçura, o mais subtil e desgraçado de todos os principes que combateram durante dez annos a alta Troia, e depois embarcaram nas naves fundas para voltar á terra da Patria. Muitos d'esses conseguiram reentrar nos seus ricos lares, carregados de fama, de despojos, e de historias excellentes para contar. Ventos inimigos porem, e um fado mais inexoravel, arremessaram a esta tua ilha, enrolado nas sujas espumas, o facundo e astuto Ulysses... Ora o destino d'este heroe não é ficar na ociosidade immortal do teu leito, longe d'aquelles que o choram, e que carecem da sua força e manhas divinas. Por isso Jupiter, regulador da Ordem, te ordena, oh Deusa, que soltes o magnanimo Ulysses dos teus braços claros, e o restituas, com os presentes docemente devidos, á sua Ithaca amada, e á sua Penelope, que tece e desfaz a teia ardilosa, cercada dos Pretendentes arrogantes, devoradores dos seus gordos bois, sorvedores dos seus frescos vinhos!

A divina Calypso mordeu levemente o beijo; e sobre a sua face luminosa desceu a sombra das densas pestanas cor de jacinto. Depois com um harmonioso suspiro, em que ondulou todo o seu peito rebrilhante:

— Ah Deuses grandes, Deuses ditosos, como sois asperamente ciumentos das Deusas, que, sem se esconderem pela espessura dos bosques ou nas pregas escuras dos montes, amam os homens eloquentes e fortes!... Este, que me invejaes, rolou ás areas da minha ilha, nú, pisado, faminto, preso a uma quilha partida, perseguido por todas as iras, e todas as rajadas, e todos os raios dardejantes de que dispõe o Olympo. Eu o recolhi, o lavei, o nutri, o amei, o guardei, para que ficasse eternamente ao abrigo das tormentas, da dor e da velhice. E agora Jupiter trovejador, ao cabo de oito annos em que a minha doce vida se enroscou em torno d'esta affeição como a vide ao olmo, determina que eu me separe do companheiro que escolhera para a minha immortalidade! Realmente sois crueis, oh Deuses, que constantemente augmentaes a raça turbulenta dos Semideuses dormindo com as mulheres mortaes! E como queres que eu mande Ulysses á sua patria, se não possuo naves, nem remadores, nem piloto sabedor que o guie atravez das Ilhas? Mas quem pode resistir a Jupiter, que ajunta as nuvens? Seja! e que o Olympo ria, obedecido. Eu ensinarei o intrepido Ulysses a construir uma jangada segura, com que de novo fenda o dorso verde do mar....

Immediatamente, o Mensageiro Mercurio se levantou do escabello pregado com pregos d'ouro, retomou o seu Caduceu, e bebendo uma derrá-

deira taça do Nectar excellente da Ilha, louvou a obediencia da Deusa:

— Bem faraz, oh Calypso! Assim evitas a colera do Pae trovejante. Quem lhe resistirá? A sua Omnisciencia dirige a sua Omnipotencia. E elle sustenta, como sceptro, uma arvore que tem por flor a Ordem... As suas decisões, elementes ou crueis, resultam sempre em harmonia. Por isso o seu braço se torna terrífico aos peitos rebeldes. Pela tua prompta submissão serás filha estimada, e gozarás uma immortalidade repassada de socego, sem intrigas e sem surpresas...

Já as asas impacientes das suas sandalias palpitavam, e o seu corpo, com sublime graça, se balançava por sobre as relvas e flores que alcatifavam a entrada da gruta:

— De resto, accrescentou, a tua Ilha, oh Deusa fica no caminho das naves ousadas que cortam as ondas. Em breve talvez outro heroe robusto, tendo offendido os Immortaes, apportará á tua doce praia, abraçado a uma quilha... Accende um facho claro, de noite, nas rochas altas!

E, rindo, o Mensageiro Divino serenamente se elevou, riscando no Ether um sulco d'elegante fulgor que as Nimphas, esquecida a tarefa, seguiam, com os frescos labios entre abertos e o seio levantado, no desejo d'aquelle immortal formoso.

Então Calypso, pensativa, lançando sobre os seus cabellos annelados um veo da cor do açafrao, caminhou para a orla do mar, atravez dos prados, n'uma pressa que lhe enrodilhava a tunica, á maneira d'uma espuma leve, em torno das pernas redondas e roseas. Tão levemente pisou a areia que o magnanimo Ulysses não a sentio deslizar, perdido na contemplação das agoas lustrosas, com a negra barba entre as mãos, aliviando em gemidos o peso do seu coração. A deusa sorriu, com fugitiva e soberana amargura. Depois pousando no vasto hombro do Heroe os seus dedos tão claros como os de Eos, mãe do dia:

— Não te lamentes mais, desgraçado, nem te consumas, olhando o mar! Os Deuses, que me são superiores pela intelligencia e pela vontade, determinam que tu partas, affrontes a inconstancia dos ventos, e calques de novo a terra da Patria..

Bruscamente, como o condor fendendo sobre a presa, o divino Ulysses, com a face assombrada, saltou da rocha musgosa:

— Oh Deusa, tu dizes!...

Ella continuou socegradamente, com os formosos braços pendidos, enrodilhados no veo côr de açafrao, em quanto a vaga rolava, mais doce e cantante, no amoroso respeito da sua presença divina:

— Bem sabes que não tenho naves d'alta proa, nem remadores de rijo peito, nem piloto amigo das estrellas, que te conduzam... Mas certamente te confiarei o machado de bronze que foi de meu pae, para tu abateres as arvores que eu te marcar, e construires uma jangada em que embarques... Depois eu a proverei d'odres de vinho, de comidas perfeitas, e a impellirei com um sopro amigo para o mar indomado...

O cauteloso Ulysses recuara lentamente, cravando na Deusa um duro olhar que a desconfiança ennegrecia. E erguendo a mão, que tremia toda, com a ansiedade do seu coração:

— Oh Deusa, tu abrigas um pensamento terrível, pois que assim me convidas a afrontar n'uma jangada as ondas difíceis, onde mal se mantêm fundas naves! Não, Deusa perigosa, não! Eu combati na grande guerra onde os Deuses também combateram, e conheço a malícia infinita que contem o coração dos Immortaes! Se resisti às sereias irresistíveis, e me safei com sublimes

— Oh maravilhoso Ulysses, tu és bem na verdade o mais refalsado e manhoso dos homens, pois que nem concebes que exista espirito sem manha e sem falsidade! Meu pae illustre não me gerou com um coração de ferro! Apesar d'immortal, comprehendo as desventuras mortaes. Só te aconselhei o que eu, Deusa, emprehenderia, se o Fado me obrigasse a sahir de Ogigya atravez do mar incerto!...

O divino Ulysses retirou lenta e sombriamente a cabeça da rósada caricia dos dedos divinos:

— Mas jura... Oh Deusa, jura, para que ao



manobras d'entre Scylla e Caribdes, e venci Polyphemo com um ardil que eternamente me tornará illustre entre os homens, não foi de certo, oh Deusa, para que agora, na Ilha d'Ogigya, como passarinho de pouca penugem, no seu primeiro vôo do ninho, caia em armadilha ligeira arranjada com diseres de mel! Não, Deusa, não! Só embarcarei na tua extraordinaria jangada se tu jurares, pelo juramento terrífico dos Deuses, que não preparas, com esses quietos olhos, a minha perda irreparavel!

Assim bradava, á beira das ondas, com o peito a arfar, Ulysses, o heroe prudente... Então a Deusa clemente rio, com um cantado e refulgente riso. E caminhando para o Heróe, correndo os dedos celestes pelos seus espessos cabellos mais negros que o pez:

meu peito desça, como onda de leite, a saborosa confiança!

Ella ergueu o claro braço ao azul onde os Deuses moram:

— Por Gaia, e pelo Ceu superior, e pelas agoas subterraneas do Stygio, que é a maior invocação que podem lançar os Immortaes, juro, oh homem, Principe dos homens, que não preparo a tua perda, nem miserias maiores...

O valente Ulysses respirou largamente. E arregaçando logo as mangas da tunica, esfregando as palmas das mãos robustas:

— Onde está o machado de teu pae magnifico? Mostra as arvores, oh Deusa!... O dia baixa e o trabalho é longo!

— Socega, oh homem sofrego de males humanos! Os deuses superiores em sapiencia já determinaram o teu destino... Recolhe comigo á doce gruta, a reforçar a tua força... Quando Eos vermelha apparecer, amanhã, eu te conduzirei á floresta.

III

Era com effeito a hora em que homens mortaes e Deuses immortaes se acercam das mezas cobertas de baixellas, onde os espera a abundancia, o repouso, o esquecimento dos cuidados, e as amovaveis conversas que contentam a alma. Em breve Ulysses se sentou no escabello de marfim, que ainda conservava o aroma do corpo de Mercurio, e deante d'elle as Nymphas, servas da Deusa, collocaram os bolos, as fructas, as tenras carnes fumegando, os peixes rebrilhanes como tramas de prata. Pousada n'um Throno d'ouro puro, a Deusa recebeu da Intendente veneravel o prato de Ambrosia e a taça de Nectar. Ambos estenderam as mãos para as comidas perfectas da Terra e do Ceu. E logo que deram a offerenda abundante á Fome e á Sede, a illustre Calypso, encostando a face aos dedos roseos, e considerando pensativamente o Heroe, soltou estas palavras aladas:

— Oh Ulysses, muito subtil, tu queres voltar á tua morada mortal e á terra da patria... Ah, se conhecesses, como eu, quantos duros males tens de soffrer antes de avistar as rochas d'Ithaca, ticia-rias entre os meus bracos, amimado, banhado, bem nutrido, revestido de linhos finos, sem nunca perder a querida força, nem a agudesa do entendimento, nem o calor da facundia, pois que eu te comunicaria a minha immortalidade!... Mas desejas voltar á esposa mortal, que habita na ilha aspera onde as mattas são tenebrosas. E todavia eu não lhe sou inferior, nem pela belleza, nem pela intelligencia, por que as mortaes brilham ante as Immortaes como lampadas fumarentas deante d'estrellas puras...

O facundo Ulysses acariciou a barba rude. Depois erguendo o braço, como costumava na Assembleia dos Reis, á sombra das altas popas, deante dos muros de Troia:

— Oh Deusa veneravel, não te escandalises! Perfeitamente sei que Penelope te está muito inferior em formosura, sapiencia e magestade. Tu serás eternamente bella e moça, em quanto os Deuses durarem: e ella, em poucos annos, conhecerá a melancolia das rugas, dos cabellos brancos, das dores da decrepitude, e dos passos que tremem apoiados a um pau que treme. O seu espirito mortal erra atravez da escuridão e da duvida: tu, sob essa fronte luminosa, possues as luminosas certezas. Mas, oh Deusa, justamente pelo que ella tem de incompleto, de fragil, de grosseiro e de mortal eu a amo e appetço a sua companhia congenere! Considera como é penoso, que, n'esta mesa, cada

dia, eu coma vorázmente o anho das pastagens e a fructa dos vergeis, em quanto tu ao meu lado, pela ineffavel superioridade da tua natureza, levas aos labios, com lentidão soberana, a Ambrosia divina! Em oito annos, oh Deusa, nunca a tua face rebrilhou com uma alegria; nem dos teus verdes olhos rolou uma lagrima; nem batteste o pé, com irada impaciencia; nem, gemendo com uma dôr, te estendeste no leito macio... E assim trazes inutilizadas todas as virtudes do meu coração, pois que a tua divindade não permite que eu te congratule, te console, te socegue, ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o succo das hervas beneficas. Considera ainda que a tua intelligencia de Deusa possui todo o saber, attinge sempre a verdade: e, durante o longo tempo que contigo durmi, nunca gosei a felicidade de te emendar, de te contradiser, e de sentir, ante a fraquesa do teu, a força do meu entendimento! Oh Deusa, tu és aquelle ser terrifico que tem sempre razão! Considera ainda que, como Deusa, conheces todo o passado e todo o futuro dos homens: e eu não pude saborear a incomparavel delicia de te contar á noite, bebendo o vinho fresco, as minhas illustres façanhas e as minhas viagens sublimes! Oh Deusa, tu és impeccavel: e quando eu escorregue n'um tapete estendido, ou me estale uma correia da sandalia, não te posso gritar, como os homens mortaes gritam ás esposas mortaes — « Foi culpa tua, mulher! » — erguendo, em frente á lareira, um alarido cruel! Por isso soffrerei, n'um espirito paciente, todos os males com que os Deuses me assaltem no sombrio mar, para voltar a uma humana Penelope que eu mande, e console, e reprehenda, e accuze, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame d'um amor que constantemente se alimenta d'estes modos ondeantes, como o lume se nutre dos ventos contrarios!

Assim o facundo Ulysses desabafava, ante a taça d'ouro vasia: e serenamente a Deusa escutava, com um sorriso taciturno, e as mãos immovéis sobre o regaço, enrodilhadas no ponta do veu.

No entanto, Phebo Apollo descia para Occidente; e já das ancas dos seus quatro cavallos suados subia e se espalhava por sobre o mar um vapor rubido e dourado. Em breve os caminhos da Ilha se cobriram de sombra. E sobre os vellos preciosos do leito, ao fundo da grutta, Ulysses sem desejo e a Deusa que o desejava gozaram o doce amor e depois o doce somno.

Cedo, apenas Eos entreabria as portas de largo Ouranos, a divina Calipso, que revestira uma tunica mais branca que a neve do Pindo e pregara nos cabellos um veu transparente e azul como o Ether ligeiro, sahio da grutta, trazendo ao magnanimo Ulysses, já sentado á porta, sob a ramada, deante d'uma taça de vinho claro, o machado poderoso de seu pae illustre, todo de bronze, com dous fios, e um rijo cabo d'oliveira cortado nas faldas do Olympto.

Limpendo rapidamente a dura barba com as costas da mão, o Heroe arrebatou o machado veneravel:

— Oh Deusa, ha quantos annos não palpo uma arma ou uma ferramenta, eu, devastador de cidadellas e constructor de naves!

A Deusa sorriu. E, illuminada a lisa face, em palavras aladas:

— Oh, Ulysses, vencedor d'homens, se tu ficasses n'esta ilha, eu encommendaria para ti, a Vulcano e ás suas forjas do Etna, armas maravilhosas...

— Que valem armas sem combates, ou homens que as admirem? De resto, oh Deusa, já muito batalhei, e a minha gloria entre as gerações está soberbamente segura. Só aspiro ao macio repouso, vigiando os meus gados, concebendo sabias leis para os meus povos... Sê benevola, oh Deusa, e mostra as arvores fortes que me convem cortar!

Em silencio ella caminhou por um atalho, florido d'altas e radiosas acucenas, que conduzia á ponta da ilha mais cerrada de mattas, do lado d'Oriente: e atraz seguia o intrepido Ulysses, com o luzidio machado ao hombro. As pombas deixavam os ramos dos cedros, ou as concavidades das rochas onde bebiam, para esvoaçarem em torno da Deusa n'um tumulto amoroso. Um aroma mais delicado, quando ella passava, subia das flores abertas, como de encensadores. As relvas que a orla da sua tunica roçava reverdejavam n'um viço mais fresco. E Ulysses, indifferente aos prestigios da Deusa, impaciente com a serenidade divina do seu andar harmonioso, meditava a jangada, almejava pelo bosque.

Denso e escuro o avistou enfim, povoado de carvalhos, de velhissimas thecas, de pinheiros que ramalhavam no alto Ether. Da sua orla descia um areal a que nem concha, nem galho quebrado de coral, nem pallida flor de cardo marinho, desmanchava a doçura perfeita. E o mar refulgia com um brilho saphirico, na quietação da manhã branca e corada. Caminhando dos carvalhos ás thecas, a Deusa marcou ao attento Ulysses os troncos seccos, robustecidos por soes innumeraveis, que fluctuarião, com ligeireza mais segura, sobre as agoas traidoras. Depois, acariciando o hombro do heroe, como outra arvore robusta tambem votada ás agoas crueis, recolheu á sua grutta, onde tomou a roca d'ouro, e todo o dia fiou, e todo o dia cantou...

Com alvoroçada e soberba alegria Ulysses atirou o machado contra um vasto carvalho que gemeu. E em breve toda a ilha retumbava, no fragor da obra sobrehumana. As gaivotas, adormecidas no silencio eterno d'aquellas ribas, batteram o vôo em largos bandos, espantadas e gritando. As fluidas divindades dos ribeiros indolentes, estremeccendo n'um fulgente arrepio, fugiam para entre os canaviaes e as raises dos amieiros. N'esse curto dia o valente Ulysses abatteu vinte arvores, robles, pinheiros, thecas e choupos — e todas decotou, esquadrou, e alinhou sobre a areia. O seu pescoço e arcado peito fumegavam de suor, quando recolheu pesadamente á grutta, para saciar a rude fome, e beber a cerveja gelada. E nunca elle parecera tão bello á Deusa Immortal, que, sobre o leito de pelles preciosas, apenas os caminhos se cobriram de sombra, encontrou incançada e prompta a Força d'aquelles braços que tinham abattido vinte troncos!

Assim durante tres dias trabalhou o heroe. E, como arrebatada n'essa actividade magnifica que abalava a Ilha, a Deusa ajudava Ulysses, con-

duzindo da grutta para a praia, nas suas mãos delicadas, as cordas e os pregos de bronze. As Nymphas, por seu mandado, abandonando as tarefas suaves, teciam uma tela forte, para a vela que empurrarião com amor os ventos amaveis. E a Intendente veneravel já enchia os odres de vinhos robustos, e preparava com generosidade os viveres numerosos para a travessia incerta. No entanto a jangada crescia, com os troncos bem ligados, e um banco erguido ao meio, d'onde se empinava o mastro, desbastado n'um pinheiro, mais redondo e lizo que uma vara de marfim. Cada tarde a Deusa, sentada n'uma rocha á sombra do bosque, contemplava o calafate admiravel martellando furiosamente e cantando, com riça alegria, um canto de remador. E ligeiras na ponta dos pés lusidios, por entre o arvoredo, as Nymphas, escapando á tarefa, accudiam a espreitar, com desejosos olhos fulgurantes, aquella força solitaria, que soberbamente, no areal solitario, ia erguendo uma nave.

IV

Enfim no quarto dia, de manhã, Ulysses findou de esquadrar o leme, que reforçou com grades de amieiro para melhor emparar o embate das ondas. Depois ajuntou um lastro copioso, com a terra da ilha immortal e as suas pedras polidas. Sem descança, n'uma ancía risonha, amarrou á verga alta a vela cortada pelas Nymphas. Sobre pesados rolos, manobrando a alavanca, rolou a jangada immensa até á espuma da vaga, n'um esforço sublime, com musculos tão retesos e veias tão inchadas, que elle mesmo parecia feito de troncos e cordas. Uma ponta da jangada arfou, levantada em cadencia pela onda harmoniosa. E o heroe, erguendo os braços lustrosos de suor, louvou os Deuzes Immortaes.

Então, como a obra findara e a tarde rebrilhava, propicia á partida, a generosa Calypso trouxe Ulysses, atravez das violetas e das anemomas, á fresca gruta. Pelas suas divinas mãos o banhou n'uma concha de nacar, e o perfumou com essencias sobrenaturaes, e o vestio com uma tunica formosa de lã bordada, e lançou sobre os seus hombros um manto impenetravel ás neblinas do mar, e lhe estendeu sobre a mesa, para elle saciar a fome rude, as comidas mais sãs e mais finas da Terra. O heroe accitava os amorosos cuidados, com paciente magnanimidade. A deusa, de gestos serenos, sorria, taciturnamente.

Depois ellá tomou a mão cabelluda de Ulysses palpando com gosto os callos que lhe deixara o machado; e pela borda do mar o conduzio á praia, onde a vaga mansamente lambia os troncos da jangada forte. Ambos descancaram sobre uma rocha musgosa. Nunca a Ilha resplandecera com uma belleza tão serena, entre um mar tão azul, sob um ceu tão macio. Nem a agoa fresca do Pindo bebida em marcha abrasada, nem o vinho dourado que produzem as collinas de Chio, eram mais

doces de sorver do que aquelle ar repassado de aromas, composto pelos Deuses para o respirar d'uma Deusa. A frescura immorredora das arvores entrava no coração, quasi pedia a caricia dos dedos. Todos os rumores, o dos regatos na relva, o das ondas no areal, o das aves nas sombras frondosas, subiam, suave e finamente fundidos, como as harmonias sagradas de um Templo distante. O esplendor e a graça das flores retinha os raios pasmados do sol. Tantos eram os fructos nos vergeis, e as espigas nas messes, que a ilha parecia ceder, afundada no mar, sob o peso da sua abundancia.

dos muros de Troia, quando plantava nas almas a verdade persuasiva:

— Oh Deusa, não te escandalises! Mas ainda que não existisse, para me levar, nem filho, nem esposa, nem Reino, eu affrontaria alegremente os mares e a ira dos Deuses! Por que, na verdade, oh Deusa muito illustre, o meu coração saciado já não supporta esta paz, esta doçura e esta belleza immortal. Considera, oh Deusa, que em oito annos nunca vi a folhagem d'estas arvores amarellecer e cahir. Nunca este ceu rutilante se carregou nem de nuvens escuras; nem tive o contentamento



Então a Deusa, ao lado do Heroe, levemente suspirou, e murmurou n'um sorriso alado:

— Oh, magnanimo Ulysses, tu certamente partes! O desejo te leva de rever a mortal Penelope, e o teu doce Telemaco, que deixaste no collo da ama quando a Europa correu contra a Asia, e agora já sustenta na mão uma lança temida. Sempre d'um amor antigo, com raizes fundas, brotará mais tarde uma flor, mesmo triste. Mas dize! Se em Ithaca não te esperasse a esposa tecendo e destecendo a teia, e o filho ansioso que alonga os olhos incançados para o mar, deixarias tu, oh homem prudente, esta doçura, esta paz, esta abundancia e belleza immortal?

O Heroe, ao lado da Deusa, estendeu o braço poderoso, como na Assembleia dos Reis, deante

de estender, bem abrigado, as mãos ao doce lume, em quanto a borrasca grossa batesse nos montes. Todas essas flores que brilham nas hastes airozas são as mesmas, oh Deusa, que admirei e respirei, na primeira manhã que me mostraste estes prados perpetuos: — e ha lyrios que odeio, com um odio amargo, pela impassibilidade da sua alvura eterna! Estas gaiotas repetem tão incessantemente, tão implacavelmente, o seu voo harmonioso e branco, que eu escondo d'ellas a face, como outros a escondem das negras Harpyas! E quantas vezes me refugio no fundo da gruta para não escutar o murmurio sempre languido d'estes arroyos sempre transparentes! Considera, oh Deusa, que na tua ilha nunca encontrei um charco; um tronco apodrecido; a carcassa d'um bicho morto e coberto de moscas zumbidoras.

Oh Deusa, ha oito annos, oito annos terriveis, estou privado de ver o trabalho, o esforço, a lucta e o soffrimento... Oh Deusa, não te escandalises! Ando esfaimado por encontrar um corpo arquejando sob um fardo; dois bois fumegantes puxando um arado; homens que se injuriem na passagem d'uma ponte; os braços suplicantes d'uma mãe que chora; um coxo, sobre a sua muleta, mendigando á porta das villas... Deusa ha oito annos que não olho para uma sepultura... Não posso mais com esta serenidade sublime! Toda a minha alma arde no desejo do que se deforma, e se suja, e se espedaça, e se corrompe.... Oh Deusa immortal, eu morro com saudades da morte!

Immovel, com as mãos immoveis no regaço, enrodilhadas nas pontas do veo amarello, a Deusa escutara, com um sorriso serenamente divino, o furioso queixume do heróe captivo... No entanto já pela collina as Nymphas, servas da Deusa, desciam trasendo á cabeça, amparando com o braço redondo, os jarros de vinho, os saccos de couro, que a Intendente veneravel mandava para abastecer a jangada. Silenciosamente o heróe lançou uma taboa desde a areia até ao bordo d'altos toros. E em quanto sobre ella as Nymphas passavam, ligeiras, com as manilhas d'ouro tilintando nos pès luzidios, Ulysses attento, contando os saccos e, os odres, gozava no seu nobre coração a abundancia generosa. Mas, amarrados com cordas ás clavilhas aquelles fardos excellentes, todas as Nymphas, lentamente, se sentaram sobre o areal em torno da Deusa, para contemplarem a despedida, o embarque, as manobras do heróe sobre o dorso das agoas... Então uma cólera lampejou nos largos olhos de Ulysses. E, deante de calypso, crusando furiosamente os valentes braços :

— Oh Deusa, pensas tu na verdade que nada falta para que eu largue a vela e navegue? Onde estão os ricos presentes que me debes? Oito annos, oito duros annos, fui o hospede magnifico da tua ilha, da tua gruta, do teu leito... Sempre os Deuses immortaes determinaram que aos hospedes, no momento amigo da partida, se offertem consideraveis presentes! Onde estão ellas, oh Deusa, essas riquezas abundantes que me debes por costume da Terra e lei do Ceu?

A Deusa sorrio, com sublime paciencia. E em palavras aladas, que fugiam na aragem :

— Oh Ulysses, tu és claramente o mais interesseiro dos homens! E tambem o mais desconfiado pois que suppões que uma Deusa negaria os presentes devidos áquelle que amou... Socega, oh subtil heroe... Os ricos presentes não tardam, largos e rebrilhantes.

E, certamente, pela collina suave, outras Nymphas desciam, ligeiras, com os veos a ondular, trazendo nos braços alfaias lustrosas, que ao sol rutilavam! O magnanimo Ulysses estendeu as mãos, os olhos devoradores... e em quanto ellas passavam sobre a taboa rangente, o Heroe astuto contava, avaliava no seu nobre espirito os escabellos de marfim, os rolos de telas bordadas, os kantaros de bronze lavrado, os escudos cravejados de pedras...

Tão rico e bello era o vaso d'ouro que a derradeira Nympha sustentava no hombro, que Ulysses deteve a Nympha, arrebatou o vaso, o sopesou, o mirou, e gritou, com soberbo riso estridente :

— Na verdade, este ouro é bom!

Depois de arrumadas e ligadas sob o largo banco as alfaias preciosas, o impaciente Heroe, arrebatando o machado, cortou a corda que prendia a jangada ao tronco d'um roble, e saltou para o alto bordo que a espuma envolvia. Mas então recordou que nem beijara a generosa e illustre Calypso! Rapido, arremessando o manto, pulou atravez da espuma, correu pela areia, e pousou um beijo sereno na fronte aureolada da Deusa. Ella segurou de leve o seu hombro robusto :

— Quantos males te esperam, oh desgraçado! Antes ficasses para toda a immortalidade, na minha ilha perfeita, entre os meus braços perfectos...

Ulysses recuou, com um brado magnifico :

— Oh Deusa, o irreparavel e supremo mal está na tua perfeição!

E, atravez da vaga, fugio, trepou sofregamente á jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partio para os trabalhos, para as tormentas, para as miserias — para a delicia das cousas imperfeitas!

EÇA DE QUEIROZ.



SUMMARIO SOCIAL E POLITICO

UMA das agencias telegraphicas annunciava, ultimamente, como facto politico digno dos tempos que correm, que o Imperador-Rei Francisco José, recebendo o corpo diplomatico, no seu palacio da Hofburgo, felicitara calorosamente o embaixador da Turquia, pelas victorias brilhantes do exercito imperial e a patriotica bravura de seus generaes, muitos d'elles mortos, cheios de gloria, no campo da batalha.

Devia naturalmente ser animada de um triste sorriso, a figura sympathica do velho soberano catholico, recitando saudações ao Kalifa de Constantinopla. O Rei piedoso e crente, que não aceita os salões do seu alliado Humberto como a antecamara natural do Vaticano, tem, entretanto, a facil complacencia dos cumprimentos banaes, saudando o enviado de um chefe victorioso, cuja gloria triste e iniqua, consiste em vencer um inimigo vinte vezes inferior.

É de crer que n'esse momento Sua Magestade não se recordasse que reina n'um poderoso imperio, que é um verdadeiro mosaico de raças e para cuja constituição, um dos grandes contribuintes de hontem, foi o Crescente victorioso de hoje. E, se esse soberano que é o typo mais completo do verdadeiro monarcha constitucional, assim procede, é naturalmente em virtude das duras exigencias da actualidade politica, que brada alerta pelo equilibrio Europeo. Emquanto que na velha capital de Santo Estevão, as recepções diplomaticas constituem o thermometro da orientação Imperial, outras scenas *mais pittorescas* se desenrolão nas margens do Sprée, onde o ultimo chefe dos Hohenzollerns domina como mestre e senhor. Guilherme II que, em oito annos de reinado, personificou no mais alto grau a incarnação da vontade absoluta e do commando supremo e autoritario, acaba de dar, n'este estado agudo da questão do Oriente, o exemplo mais frisante de chefe dictatorial e inflexivel.

O casamento de sua irmã a princesa Sophia, com o principe Imperial da Grecia, a subita conversão da mesma, adoptando a religião de seu

marido, isto é o catholicismo-orthodoxo chamou sobre a dynastia que reina em Athenas as iras e as antipathias do seu todo poderoso irmão. As difficuldades levantadas pela Allemanha, que desde o começo da crise tratou o governo do Rei George com a maxima dureza; as constantes marcas de sympathia dadas pelo Imperador ao Sultão; a partida immediata para o theatro da guerra dos melhores estrategistas allemães, derão ao prisioneiro de Yldiz-Kiosk a coragem bastante de romper as relações, começando uma campanha, bem duvidosa cujo desenlace poderá conter desagradaveis surpresas mesmo para o vencedor.

É preciso que as deliberações partidas de Berlim não tenham o character suspeito de rancôres de familia, actuando sobre os destinos de um povo, que justamente reivindica os direitos de sua raça; nem tambem que a integridade do imperio Ottomano queira, de qualquer modo, significar a impunidade do Sultão ou a negação completa das esperanças e das aspirações das populações sujeitas ao seu dominio.

A Russia — que é duplamente unida á Grecia pela mutua sympathia dos dois povos e pelo parentesco das dynastias reinantes — tem observado, de par com a França, a mais dubia e vacillante das politicas, como se lhe fora temerosa a po-

suição franca e arrogante de Guilherme II, respondendo com um *non possumus* inabalavel ás pretensões do povo helleno. E não se poderá entretanto negar ao grande paiz moscovita, que, se direito de intervenção existe, n'essa medonha conflagração de raças que alimenta a eterna questão do Oriente, compete elle, em grande parte, ao governo de São Petersburgo, protector natural d'essa pobre e infeliz Armenia e d'essa enorme christandade que para viver em terras do Sultão, soffre resignada a expoliação dos seus bens e o massacre da sua raça. Nicolau II deve ter bem presente á memoria, que, ha vinte annos atraz, a Russia victoriosa batia ás portas de Constantinopla, ameaçando com o tratado de Santo Stephano o throno de Abd-Ul-Hamid e com elle o Imperio dos Osmanlis.

N'essa mesma epocha, duas potencias, que hoje



GEORGE Iº, rei da Grecia.

fazem parte d'este famoso accordo Europeo, intimarão Alexandre II, sob pena de uma nova e terrivel guerra, a preservar o mais possivel os restos do imperio turco. Hoje entretanto, a politica do Tsar e da França, como satisfacção á opinião justamente revoltada, limita-se a proclamar que, nem uma polegada do territorio, sob o dominio da cruz, augmentará as terras sob o jugo do crescente; mas, destruindo o effeito d'esta bella declaração rodeão de prestigio e de cuidados o *homem-doente*, temendo que a agonia do mesmo, seja sujeita a convulsões que abalem seriamente a paz Europeá.

A Italia e a Inglaterra, no seu constante e platonico idillio, passeão tranquillamente os seus cotraçados, não ousando levantar o ton das reclamações. A primeira, presa de um lado pela posição assumida pelos seus alliados, é por outro interiormente agitada pela sympathica expansão do seu povo que reclama um natural auxilio á causa grega. A segunda, na sua habitual politica de spectativa, já-tem recebido justa ou injustamente a accusação de querer pescar em aguas turvas, sendo apontada como a instigadora secreta do conflicto.

Entretanto o governo da Rainha Victoria nos parece ser um dos que com mais justicia encarava o problema de uma intervenção europeá. Uma intimação em regra deveria ser dirigida a Constantinopla impondo condições immediatas para a liberação d'essa pobre e malfadada ilha de Creta, que seria, pura e simplesmente, annexada á Grecia.

A voz autorisada do velho Gladstone, indignado com a orgia de sangue que partia das margens do Bosphoro, abalou todo o Reino-Unido e com elle o ministerio Salisbury, que, nas deliberações dos embaixadores e na permuta constante de telegrammas, de gabinete á gabinete, sempre exigio a realisacção d'essa medida libertadora.

É esta em resumo a attitude improficua e injusta d'esse concerto europeu que, sem a coragem pre-

cisa para afirmar os seus direitos e sympathias e a possibilidade necessaria de uma completa harmonia em suas deliberações, tem vergonhosamente tolerado, desde muitos annos, a mais deshumana barbaria, manifestada por esses massacres periodicos, feitos e organizados por um fanatismo miseravel e boçal e que constituem a mais criminosa incuria e a mais triste confissão de impotencia dos governos do Occidente.

A responsabilidade do estado difficil e perigoso, em que se acha actualmente a questão do oriente, incumbe toda ella, á diplomacia de 1878, fabricando esse injusto tratado de Berlim, que fez reviver um imperio que agonisava e cuja missão social de ha muito se terminara d'entre o rol das nações. As pretensões mais que justas da Grecia, o movimento altivo e patriotico do seu povo acudindo ao apello de seus irmãos de Creta, quando

as reiteradas promessas das potencias se desvanecêram em tristes illusões e a politica exterminadora da Turquia continuava a sua obra fatal, eram uma legitima reivindicacção digna de todo o apoio Europeo. Essa epopéa heroica do Hellenismo isolado e ameaçado por toda a Europa, atacando um inimigo vinte vezes superior, mesmo que a victoria das armas lhe seja adversa, forçará as nações do occidente a uma intervenção real e efficaz que para sempre ponha termo ao governo immoral e criminoso do chefe dos crentes. E se d'essa intervenção resultar uma recusa, justificada pelo orgulho das faceis victorias obtidas, a occasião é propicia e não deve ser desprezada, para uma liquidacção geral de contas.

Mas se a ganancia dos despojos tornar impossivel

o desaparecimento d'esse paiz anomalo e retrogrado, estabeleção ao menos, como obra de caridade e de justicia, novas linhas de fronteiras, nas quaes a bandeira purpurea manchada de um branco crescente, não mais domine aquelles que creem e vivem sob o estandarte da cruz.

M. BOTELHO.



AB-DUL-HAMID, sultão da Turquia.



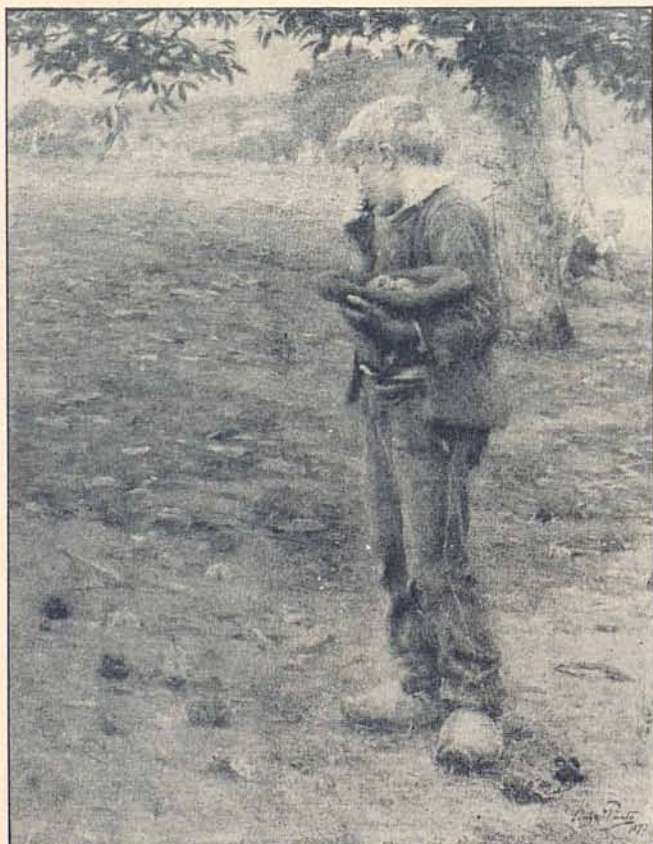
O SALON DOS CAMPOS ELYSEOS



O DERRADEIRO salon dos Campos Elyseos não bastaria por si só para justificar a ansiedade e as apreensões dos que ainda não descobriram o local em que se installará o do anno que vêm. Talvez não fosse um mal para a arte franceza que não houvesse exposição geral de Bellas-Artes antes da grande exposição de 1900. Talvez no intervallo tivessem tempo os artistas de talento de preparar a obra mestra que cada um sonha fazer e que não póde realizar nas poucas semanas de trabalho util que precedem a cada salon. E os que têm a celebridade e nome sustentado artificialmente á custa de reclamo se exgotariam na producção apressada e vazia, que faz dinheiro enquanto é moda, mas que desprestigia uma escola de arte. Em todo caso, havendo para as necessidades commerciaes do officio as exposições parciaes e as lojas constantemente abarrotadas de quadros, a accumulção durante tres ou quatro annos de um numero consideravel de obras sérias permitiria maior rigor e um alteiamento de bitola na escolha para a admissão. O que hoje constitúe *enchimento* para os bons quadros e as bellas esculpturas, que são em pequeno numero, seria forçosamente excluido. Só ficariam os trabalhos significativos e de valor. E o visitante, que com



SOUZA-PINTO. — No prado.



SOUZA-PINTO. — As castanhas.

a fadiga da mediocridade dominante ganha o desrespeito pelo conjuncto da exposição, deixaria de passar distrahidamente por deante das obras em que de qualquer maneira se acha representada a Belleza pela fórma ou pela idéa.

Os milhares de tēlas, de estatuas, de gravuras, de objectos de arte decorativa, recebidos cada anno dão logar a contentamentos de muitas ambições illegitimas. As mediocridades se chamam. É expôr no salon passa a ser, não mais uma honra, porém uma obrigação para os artistas que carecem de viver do seu trabalho. Muitos d'elles mandam um quadro para a exposição como, se fossem industriaes ou empregarios, mandariam cartazes para os muros das casas e as tapagens dos terrenos vagos. Este anno um pintor mandou uma tēla de cinco metros sobre trez e meio, representando uma mulher que leva a vacca a beber ao rio. O assumpto dava para ser tratado sobre um decimo d'aquella vasta superficie. Mas poderiam não olhar para elle. E por isso o homem brochou a larga almanjarra, com tinta barata, e tão crúamente que parece ter sido tudo feito de uma assentada. É o cartaz scenographico, que violenta a attenção do publico. Porque muitos se abandonam a este desperdicio de tēla e tintas é que a superficie das obras expostas cada anno requer enormes palacios de exposição, tão grandes que já se não acha no centro de Pariz um local de capacidade sufficiente para os futuros salons.

Estas reflexões me foram suggeridas pelo numero e a inferioridade da exposição da Sociedade dos Artistas Francezes, em que os mestres da primeira escola de pintura contemporanea se abstiveram, ou apenas são representados por trabalhos insignificantes ou mesmo maus, porque já não carecem de se annunciar, porque o anno de trabalho util é insufficiente para a execução de uma obra valiosa, ou porque a gente não tem genio cada anno que Deus dá.

Desde a primeira sala o visitante entrando é mal impressionado por uma immensa paizagem escura, baia, antipathica, sem ar nem luz, que representa os campos de lavoura do Lauraguais e que J.-P. Laurens pintou. Na parede que faz angulo com essa, á direita, vê-se o symbolismo d'este anno — o *Vers l'abime*, em que Henri Martin faz litteratura banal e vaga, e uma pintura ainda mais vaga, senão banal. Aos tram-bolhões pela encosta de uma montanha arida, nua e sombria, desce ou róla uma turba lamentosa em seguimento de uma mulher velada em gazes negras, coroada e cingida de papoulas vermelhas, a qual com um mau sorriso nos olhos perversos e o aceno de um ramo de orchideas amarellas que traz na mão esquerda, irresistivelmente os attrahe para o abysmo. A figura de mulher é a luxuria, a gloria de mandar, a ambição em geral, o sonho que nos leva para fóra das estradas trilhadas, a curiosidade incontentavel que leva á loucura, ou é tudo isso junto? Como idéa o quadro é confuso, como pintura é mau, sem desenho e sem côr, pintado para ser ephemero, com apenas o movimento tragico e a incursão impertinente no dominio da cogitação moralista e improvavel e da poesia symbolica.



J. RAMOS. — Efeito de crepusculo.

Na terceira parede outra grande t'ela parece um tapeçaria tecida para adorno de algum palacio da renascença ingleza. Representa a illusão de Titania, na comédia magica de Shakespeare, *Tempestade*. Tem lindas figuras de mulheres nuas, é pintada com côres finas, a paizagem é theatral, de crepusculo suavissimo, a composição é boa e decorativa, como pretendeu o autor, Paul Gervais.

Depois d'essa grande t'ela só uma attrahe a attenção por seu merecimento. É um *Sauvetage en pleine mer*, por Tattegrain. É uma bella marinha, um alto mar furioso em que se passa o drama de um naufragio, com a claridade diffusa, a luz velada das tempestades, o movimento formidavel das vagas feitas como montanhas que rolam e a agonia dos que lutam sobre ellas e contra ellas.

D'ahi por deante os mestres francezes desap-



GARNELO-ALDA (J.) — Duelo interrompido.



BOUTIGNY (E.). — Marceau.

parecem ou apparecem mal entre a multidão dos estrangeiros, que pouco a pouco vão invadindo o salon. O impecavel Bouguereau expõe a mesma scena classica de symbolismo galante, uma rapariga às voltas com cupidos. Gerôme, pintou uma entrada de Christo em Jerusalem, que me fez saudades do quadro analogo do auto da Paixão entre os pobres camponios de Oberammergau. É duro e desgracioso e falso de côr e de desenho. Bonnat figura com um retrato de Joseph Bertrand, da Academia Franceza, feio como um bicho, mas muito engraçado. Benjamin Constant teve dous insuccessos nos dous retratos do Duque d'Aumale e do Sr. Chauchard, proprietario dos grandes armazens do Louvre. O já grande Benjamin Constant fez o Duque apear-se de algum cavallo, sentar-se para descansar sobre um banco de pedra do parque de Chantilly (« um banco do tempo do grande Condé, » explicou elle á Rainha Amelia de Portugal) e tirar o chapéu redondo para arejar o seu pobre craneo despojado e triste. A paisagem é de outomno e mais bella que a figura, que é no entanto tão bella em si, historicamente, pessoalmente. Tocar com tal descuido n'uma gloriosa reliquia das grandezas nacionaes é como amesquinhal-a. Um quadro d'esses importa a responsabilidade do artista. O retrato do Sr. Chauchard é menos mau.

Boutigny pintou um Marceau ferido de morte e confiado pelos seus á generosidade dos inimigos, que é uma boa scena militar. Edouard Detaille fez a cerimonia official dos *Funeraes de Pasteur*, tão secca e inharmonica como as tantas télas, igualmente officiaes, em que é commemorada a visita do Tzar, desde as marinhas do desembarque em Cherburgo até aos quadros militares da revista de Chalons, passando pelos Invalidos e pela Academia Franceza. Uma linda pintura é a batalha de flores

figurada por Artigue no seu quadro *Fleurs de Printemps*, scena de uma graça voluptuosa, vaga de data, como os quadros que os poetas imaginam.

Com Fantin-Latour, que expõe dous paineis decorativos, *A Noite* e *a Tentação de Santo Antonio*, que são duas obras de pintura séria, com Roybet — um porta-estandarte, truculento e garboso, — Jules Breton — ceifadoras no prado, — Joseph Bail — scenas de cosinha, divertidas como assumpto e maravilhosamente feitas como *trompe-l'œil*, — com Henner, Hébert, Dantan, Debat-Ponsan, Demont, Collin, Jules Lefèvre

— um magnifico retrato do conde Boniface de Castellane, soberbo de factura e reproduzindo com uma intensidade caricatural a physionomia de fidalguia moderna do modelo, — e com Harpignies á frente dos paizagistas, exgota-se a lista dos mestres francezes.

Restam, para encher o Salon e dar-lhe interesse, os pintores estrangeiros, que são legião. Para os estrangeiros a selecção é mais verdadeira e é isso o que dá valor ás suas exposições. Este anno os criticos de arte notaram que havia *hespanhoes* em demasia. Entre os hespanhoes ha dous brasileiros, o Sr. Pedro Weingartner, cuja *Briga de gallos*, pequena pintura graciosa, clara, de effectos prodigiosos de perspectiva e bem modelada em figuras, foi declarada por um casal de inglezes a meu lado « a cousa mais bem pintada de toda a exposição », e o Sr. Pedro Luiz Vauthier, de Pernambuco, que expõe a « Inauguração da ponte Alexandre III » — ainda as festas franco-russas — e uma scena de terça-feira de carnaval.

O Sr. Simões da Fonseca expõe um pequeno estudo. E um americano que pelo nome é brasileiro, Florian Peixotto, expõe uma *Sombra eterna*, que não entendi, porque pensei que fosse o « Christo no Jardim das Oliveiras », mas vi depois que não tinha oliveiras.

Do Sr. Souza-Pinto, outro hespanhol portuguez, ha um pequeno apanhador de castanhas, que é uma obra prima de desenho cerrado e sem secatura, de perspectiva e de luz, de harmonia e de expressão e uma pequena camponia debruçada a uma cerca, que impressionou o velho Rochefort. Não se faz melhor em scenas rusticas. Do Sr. Salgado, dous retratos prestigiosos, um muito simples e original de uma bonita senhora, que parece viva, e outro do orador Antonio Candido,



ERNST (R.). — O real vencido.

que tem a bocca fechada, escutando, mas que já vae fallar. Outro retrato excellente foi o que pintou o Sr. Malhoa, que tambem expoz um grupo magistral de *Oleiros* trabalhando em Caldas da Rainha, quadro que honra a arte portugueza. O Sr. Julio Ramos expõe um *Efeito de crepusculo*, paizagem menos original que a sua *Entrada dos barcos*, marinha colorida e espelhenta, boa tela de estudo. E o Sr. Antonio Ribeiro tem um quadro de genero, *Depois do trabalho*, ainda pouco forte em figura, mas com effeitos curiosos de estudo de interior, em sombra e penumbra. Talvez se estime menos o quadro do Sr. Ribeiro por trazer ainda nos olhos a impressão de um quadro pintado por um belga de nome Alexandre Struijs, que tem por titulo *Consolar os afflictos*, e que é obra de mestre. É n'uma pobre casa uma mulher que chora e um padre que a consola. As duas figuras estão sentadas, a scena é simples e natural e pungente, e a pintura é extraordinaria. Como drama, belleza do gesto, grandeza moral do assumpto, superior a esta tela só vejo, do escocez George Harcourt, a *Mulher do Leproso*, que representa, n'uma clareira de floresta, uma figura de homem, envolto n'um grande roupão pardo, com o rosto escondido sob o capuz do manto e fugindo ao abraço da mulher, que caminha para elle, de braços abertos, amorosa e supplicante. Por epigraphie explicativa o trecho do texto de Tennyson.

« ... Em nome do Deus sempiterno, beija-me e dá que eu viva e morra contigo.... »

A figura da mulher é sublime. E toda a pintura tem o aspecto grandioso das obras dramaticas e sentidas.

O pintor americano Ridgway-Knight expõe um *Crepusculo de verão*, com duas figuras no primeiro plano, as figuras familiares dos seus quadros, graciosas e finas, um idyllio rustico, respirando a poesia da hora, n'uma paizagem cheia

de ar, de reflexos no espelho do lago, de tintas fundidas na harmonia do poente.

Do Sr. Garnelo, que conheci ainda nos seus principios na Academia de Hespanha, em Roma, ha seis annos, ha um grande quadro de genero, *Um duello interrompido*, que já revêla o mestre. Composição, desenho, côr, nada alli falta.

Um alsaciano chamado Gagliardini pinta á espatula marinhas offuscantes de claridade e de uma perspectiva prodigiosa. Um austriaco por nome Deutsch (Ludwig), discipulo de Jean-Paul Laurens, mandou uma pintura de meio metro de largura e trinta centimetros de altura, que lhe terá custado muitos mezes de trabalho assiduo. Mas sahiu obra que fique e dure. São portadores de tributos á porta do palacio de um sultão. As roupas, velludos, sedas, lans, os bordados, os couros estampados, as armas tauxiadas, os marmores, a pedra lavrada, os azulejos da architectura, os reflexos dos ouros faiscantes e da pelle dos negros, dão a impressão de que esse é o pintor incom-

paravel dos estofos e da natureza morta. Outro de igual relevo e correcção de linha, embora com menos intensidade de execução é o seu com patriota viennense Rudolph Ernst, que expõe um grupo de beduinos de volta da caçada, trazendo um tigre morto sobre uma padiola. Cães precedem o cortejo. O sol poente como uma bola de fogo illumina a scena pedregosa e aspêra. O ar é secco, as sombras nitidas e tanto a paizagem como as figuras parecem animadas de uma energia barbara.

Assim ha muitos outros quadros de estrangeiros, em que a arte é primorosa quando a idea falta. Ora o que se quer de um quadro é que elle seja bem pintado, principalmente. De sorte que o salon de pintura da Sociedade de Artistas Francezes encerra as suas exposições nos Campos Elyseos com o triumpho dos artistas estrangeiros.

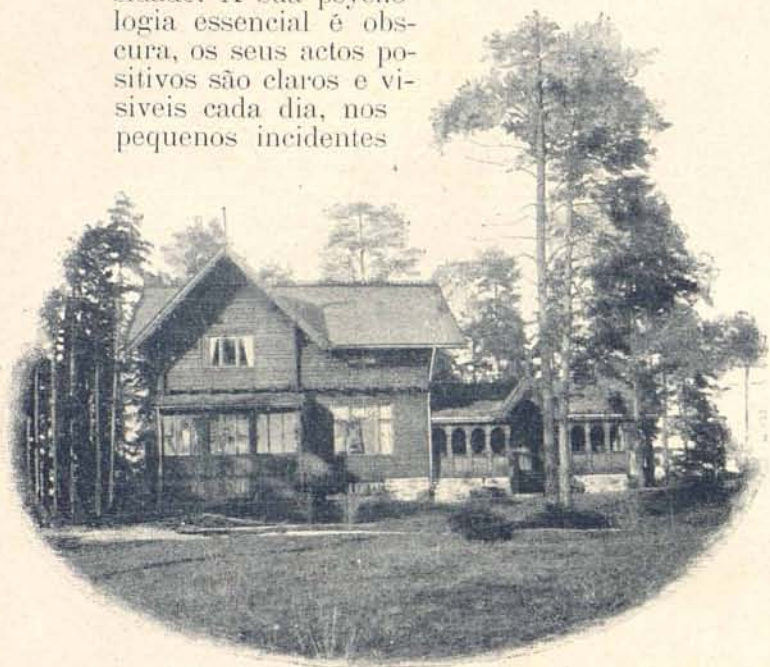
DOMICIO DA GAMA.



DEUTSCH (L.). — O Tributo.

A viagem de Nansen ao Extremo Norte

ALÉM da necessidade do melhor, do contentamento da cousa possuída, um dos grandes estímulos do homem, elemento precioso para as conquistas do progresso, é a curiosidade. A sua psychologia essencial é obscura, os seus actos positivos são claros e visíveis cada dia, nos pequenos incidentes



Casa de Nansen em Lysaker, nos arredores de Christiania.
(Phot. Niblin.)

da vida diaria como nos grandes committimentos heroicos que em outros tempos seriam a materia de poemas. Ella é a causa do grande movimento das industrias que se não applicam a nutrição e conservação do nosso pobre cadaver, que, ao contrario, apressam a sua destruição pelas despezas nervosas, pelas fadigas do gozo excessivo ou das decepções, pela provocação antigienica dos choques de sensibilidade incessantemente repetidos e augmentados. A curiosidade cria os *frissons nouveaux* em arte e alastra de cadaveres o fundo dos abysmos, a areia dos desertos, as solidões dos campos hyperboreos. E assim, por esses sacrificios propiciatorios *Dea incognita*, se vae dilatando o dominio do homem. De Strabão a Levingstone e a Nansen, dos nomades primitivos aos dous americanos que atravessaram a Asia em bicyclette, aos meninos vagabundos que os relatorios dos alienistas e criminalistas citam, a mesma *aura* mysteriosa da curiosidade insuffla ao viajante o ardor inextinguivel de ver cousas novas e differentes. As provações soffridas, os tormentos passados não lhe diminuem o impulso, porque, como as idéas fixas, a curiosidade cria no individuo uma sorte de inibição, atenúa a sensibilidade ou augmenta a resistencia aos soffrimentos phisicos.

O grande viajante de hoje, o triumphador do dia é Fridtjof Nansen, o joven norueguez explorador do Pólo Norte. Aos jovens sorri a Fortuna. Nansen, que nasceu em 1861, tinha 23 annos quando

em 1884 concebeu a idéa de chegar ao Pólo Norte por meios differentes dos até então infructivamente empregados por tantas expedições de lamentosa memoria. Mas, sem precipitação, como convém a um verdadeiro scandinavo, amadureceu longamente o seu projecto, accumulando provas scientificas, verificando dados, trabalhando durante seis annos o seu programma em viagens pelo Spitzberg e na Groenlandia, até que, em 1890, de volta de uma d'essas viagens, apresentou a sua communicação á Sociedade de Geographia de Christiania.

No estudo dos movimentos dos campos de gelo polares fundou-se o Dr. Nansen para projectar a sua viagem de descoberta. As mallogradas expedições anteriores lhe forneceram lieção de sobra.

Em 1827 o official inglez Parry conseguira chegar com trenós até o 82°.45' de latitude ao norte de Spitzberg. Mas ali verificou, ao cabo de um longo mez de marcha, que a planicie gelada sobre a qual se achava escorregava lentamente para o Sul, ao passo que elle se dirigia para o Norte, com a mesma velocidade. A 804 kilometros do Pólo retrocedeu.

Quando a expedição hungara de Payer e Weyprecht (1872-74) descobriu a Terra de Francisco José foi pelo arrastamento para o Norte do seu navio preso nos gelos. Em trenó Payer não foi além de 82°.5'.

Em 1876 a expedição americana Nares, cujo commandante era o hoje almirante Markham, chegou em trenó ao 83°.20, isto é, a 740 kilometros do Pólo.

Sete annos mais tarde o tenente Lockwood, seguindo o caminho dos seus compatriotas, bateu o record polar, ganhando 5 kilometros sobre Markham.

Mas, no intervallo, uma expedição desastrosa foi a da *Jeannette*, que, partindo do estreito de Bering, foi presa pelos gelos junto á Terra de Wrangel e arrastada durante dous annos para o Noroeste, até que a pressão dos gelos a esmagasse ao norte das ilhas da Nova Siberia. Poucos foram os que escaparam á destruição do navio.

Entretanto, se foi funesta aos seus autores, essa foi a mais proveitosa das expedições, por uma das suas consequencias aparentemente insignificantes, que fez do roteiro forçado da *Jeannette* o principio do plano de Nansen.

Foi o caso que, tres annos depois da perda da *Jeannette*, uns Esquimós encontraram perto de Julianehaab, na Groenlandia, varios objectos provenientes do navio naufragado. O professor Mohn, de Christiania, publicou um artigo explicando a vinda a Julianehaab dos destroços da *Jeannette*, perdida na Nova Siberia, pela travessia do Oceano Arctico na direcção do Noroeste e passagem entre o Pólo e o Spitzberg. Com os conhecimentos actuaes das correntes maritimas polares, essa era a explicação mais plausivel.

Essa foi a base do projecto de Nansen. Á Socie-



FRIDTJOF NANSEN

dade de Geographia de Christiania, disse elle, em 1890 :

« Um caminho existe para chegar, senão ao Pólo mathematico, pelo menos á sua vizinhança immediata : é o roteiro seguido pela *Jeannette*.

« Se a *Jeannette* fosse um navio capaz de resistir á pressão dos gelos, se ao mesmo tempo ella tivesse a bordo provisões sufficientes, em tres annos teria chegado ao Pólo para vir ter depois á Groenlandia, ao mundo habitado e civilisado.

« A prova d'isso é que mesquinhos destroços fizeram esse trajecto. As calças, o barrete, os papeis recolhidos sobre uma lage de gelo fluctuante viram o Pólo de mais perto que Markham e Lockwood e que jamais o verão os que se obstinarem em se servir dos mesmos meios que elles.

« Porque a planicie de gelo arctica não é uma crosta immovel cobrindo a superficie do Oceano Polar. Ella escorrega lentamente e regularmente do Oceano Arctico Siberiano para o mar da Groenlandia sob a dupla influencia da corrente marinha e dos ventos dominantes, que seguem a mesma direcção. Este movimento foi o que fez recuar Parry e deteve Markham, Lockwood e tantos outros que partiram da Groenlandia.

« Deem-me um navio apto para esta navegação ainda não ensaiada; um navio de alguma sorte amphibio, construido especialmente para o mar congelado como os outros o são para o mar liquido, susceptivel de lutar victoriosamente contra as convulsões e as pressões da camada de gelo como os barcos ordinarios lutam contra o choque das vagas e contra as tempestades — e esse navio não é um mytho, estou prompto para o construir —; deem-me uma equipagem pouco numerosa, mas de resistencia provada; deem-me os aprestos e as provisões necessarias; canoas, trenós e cães, para qualquer emergencia — porque ninguem se embarcando, sobre o gelo ou sobre a agua, póde dizer que não naufragará — deem-me enfim os meios de partir em condições favoraveis, e a bandeira norueguesa tremulará sobre o mar ou a terra polar aonde ainda não chegaram bandeiras de outras nações; e depois de cobrir de gloria o nosso paiz, voltaremos saos e salvos, o navio, a equipagem e eu. »

A proposta do atrevido explorador teve um echo estrondoso. Não foram sómente discussões os resultados d'ella. A Noruega se entusiasmou, e no mesmo anno o Storthing votava um crédito de 200,000 coroas, (277,000 francos) que foi elevado mais tarde a 300,000. O Rei da Noruega abriu a subscrição nacional e, só sendo acceto dinheiro noruegues, as subscrições chegaram a mais de 600,000 francos, que cobriram as despesas, dous terços das quaes eram representados pela construcção do navio.

Não é possivel aqui descrever o navio nos seus pormenores technicos de construcção que devia fazer honra á palavra de Nansen : que voltaria com o seu barco e a sua gente. Basta que se diga que a sua capacidade era a de um simples brigue de commercio — 400 toneladas com um calado médio de 4 metros, o seu comprimento 31 metros e a largura 11, o que o fez um pouco arredondado. Mas isso mesmo é qualidade para as manobras nos logares apertados e para a resistencia ás pressões formidaveis do gelo. O casco arredondado e liso, sem saliencias, tinha uma espessura de 60 a 70

centimetros de carvalho antigo, chapeado de ferro em certos pontos, e se apoiava sobre um cavername tão bem travejado que as pressões se distribuiam por todo o conjuncto, como se fosse massiço. Foi graças a esse luxo de solidez que o *Fram* poudo em certas occasiões escapar ao esmagamento do gelo, saltando para cima d'elle, como um sabão que nos escorrega quando o apertamos entre os dedos. Todas as precauções foram tomadas para que o leme nunca soffresse, nem a helice. A machina de 220 cavallos de força não dava ao navio uma marcha de mais de 7 milhas por hora. Uma mastreação robusta de goletta completava os seus meios de propulsão, quando navegando em mares livres.

As precauções tomadas para o alojamento da equipagem, que tinha de ser pequena, porém escolhida, tambem são summamente instructivas e passam a fazer doutrina em materia de hygiene polar. E o pessoal, em que o mais velho tinha 40 annos, e o mais moço 26, era composto de gente entusiasta que se sacrificava para tomar parte na aventura. Um que era tenente aceitou o posto de fogueista : era o de 26 annos. Outro, de capitão de longo curso passou a cozinheiro; tinha 33 annos. Eram 13 e o decimo terceiro, tomado em Tromsoe, não soffreu mais nem menos do que os outros.

Uma certa somma foi consagrada a segurar a vida dos expedicionarios com familia. Quando o *Fram* partiu deixou atraz de si oito esposas e vinte e dous filhos, que no diario de bordo figuram por memoria nos dias de festa, nos anniversarios e são talvez o mais forte dos tonicos nos dias de depressão d'essa longa jornada de tres annos. Nansen é casado e tem uma filha, de seis mezes d'idade n'esse tempo. Nos mappas das regiões arcticas figurarão d'aqui por deante os nomes de Eva Nansen e da pequena Liv.

Foi a 24 de junho de 1893 que Nansen se despediu dos seus e embarcou em Christiania. No dia 22 de setembro do mesmo anno tocaram o campo de gelo que os devia transportar para as vizinhanças do Pólo e ahi se lhes congelou o mar á roda, por 132° E. de Greenwich e 77° de Latitude Norte, no Mar de Nordenskiöld, a Noroeste das ilhas de Liakhof ou da Nova Siberia.

No diario do *Fram* figura a descoberta no dia 21 de que havia percevejos a bordo e o projecto de os destruir. Por isso no dia 22 a primeira occupação dos expedicionarios, se preparando para o inverno polar, foi a caça aos percevejos. Escaldaram-nos a vapor. A scena é divertida e abre a série das heroi-comicas de que vêm cheio o livro de Nansen, escripto com muita singeleza e bom humor. Pormenores sobre os trabalhos, occupações e prazeres da vida de bordo durante a interminavel noite polar emquanto o navio desliza lenta e caprichosamente engastado na sua massa de gelo levada oa sabor das correntes marinhas e dos ventos. No seu diario escreveu elle um dia : « A paciencia é o medicamento que nunca deve faltar na pharmacia de bordo. » E parece que nunca faltou na do *Fram*.

O robusto navio, cujo nome significa *Avante*, achou-se engastado entre os gelos com a popa para o Norte. De sorte que fez a viagem recuando, como a contragosto.

Mas não é só paciencia o que é necessario. A coragem pessoal, a coragem solitaria é elemento

indispensavel para o aprovisionamento de viagens como esta. São descripções palpitantes as das noites de crise, as contracções do *icefield* á volta do navio, os estrondos do gelo se esmagando de encontro ao casco, as convulsões do *Fram*, todo o tumulto das massas geladas que se desmoronam ameaçando de destruição aquellas fracas creaturas sósinhas na mais espantosa das solidões. E o *Fram* sahe tantas vezes vencedor no combate com a geleira que os homens perdem a apreensão do esmagamento para só receiarem que a massa fluctuante os não leve bastante ao Norte.

As anedoctas são numerosas no livro e tornam a sua leitura tão attrahente como a de uma narrativa de Jules Verne. E apesar de saber que é *de verdade*, a gente lendo os concertos de bordo, as caçadas, as aventuras com ursos, pensa sem querer nas *Aventuras do Capitão Hatteras*. Agora o que ha ás vezes é uma nota de impressão pessoal que se sente vivida. A noite de 26 de setembro de 1893, por exemplo :

« Bello tempo. O sol já anda muito lá por baixo. Hoje ao meio dia estava a 9° acima do horizonte. Ahí vêm o inverno ás carreiras. Esta tarde passei pela nossa geleira. Nada de mais maravilhosamente bello póde existir do que a noite arctica. É como um paiz de sonho pintado com as tintas mais delicadas da imaginação : é feita de còr *etherealizada*. As tintas se fundem umas nas outras de maneira que se não pode dizer onde uma acaba e começa a outra. E todas as tintas allí se acham. Não ha forma, tudo é esbatido, sonho musical em còr, uma distante, morrente e prolongada melodia em cordas á surdina. Não é porventura a belleza da vida toda ella alta e delicada e pura como a d'esta noite? Deem-lhe côres mais vivas e já não será tão bella. O firmamento é como uma cupola immensa, azul no zenith, se degradando em verde e depois em lilaz e violeta nas bordas. Por cima dos ice-fields se projectam sombras de um violeta azul, com tintas roseas mais claras onde uma aresta aqui e allí apanha o derradeiro clarão do dia extincto. No alto da cupola scintillam as estrellas, que nos fallam de paz como sempre, immutaveis amigas. Ao Sul apparece uma grande lua vermelho-amarellada, rodeada de um circulo amarello e de nuvens de ouro claro, fluctuante sobre o horizonte azul. E agora a aurora boreal vêm agitar sobre a abobada do céu o seu veu de prata scintillante, que logo se muda em amarello, em verde, em vermelho. Dilata-se, contrahe-se, muda sem cessar e por fim quebra-se em bandas refohadas de prata deslumbrante sobre as quaes chovem laminas de fogo. E toda esta gloria se desvaneca. Mas logo resurge em linguas de chamma no zenith e de novo despede uma chuva deslumbrante sobre o horizonte, até que tudo se confunde no luar mais claro, e é como se se ouvisse o suspiro de adeus de um espirito partindo. Aqui e além restam ainda uns tremulos rastilhos de luz, vagos como um presentimento — são a poeira do manto da aurora radiosa. E essa luz cresce e recomeça o espectáculo sem fim, durante o qual a quietação o silencio profundo são impressionantes como a harmonia do infinito. Nunca pude admittir que este mundo será um dia desolado e vasio, morto. De

que servirá então toda esta belleza se não houver uma creatura para gozar d'ella? Mas agora começo a adivinhal-o. Esta é a terra promettida — que reune a belleza e a morte. Mas com que fim? Ah! qual é o fim das esferas celestes? Leia a resposta quem puder no estrellado firmamento azul. »

Como pagina de diario de bordo já não é má litteratura. Ha outras. Mas é preciso terminar. Todo grande projecto tem as suas decepções. A maior da viagem do *Fram* foi que, tendo chegado ao 84° de Latitude, a geleira começou a descer para o Sul. Só havia 600 milhas d'alli ao Pólo. Nansen abandonou o navio aos companheiros e, junto com Johansen, no dia 14 de Março de 1895, partiu para o Norte com tres trenós, vinte e oito cães e provisões para cem dias de viagem.

Essa foi a parte essencialmente aspera da viagem, tão temeraria que mais parece uma loucura. Na sessão solemne de recepção da Sociedade de Geographia de Pariz o proprio Nansen dizia no dia 26 de Março de 1897, cerca de dous annos depois :



Um concerto a bordo do « Fram ».

« Por preço algum quizera eu reviver esses dias. » Depois de soffrimentos indiziveis, tendo chegado no dia 8 de abril a 418 kilometros do Pólo, foram obrigados a voltar : as provisões se exgottavam, os cães iam morrendo; em caminho para o sul tiveram mesmo de se sustentar com a carne miseravel dos seus dedicados servidores. Ao cabo de quatro mezes e meio d'essa espantosa viagem, não tendo podido encontrar os seus companheiros, que a geleira arrastava inexoravelmente, para o Sudoeste agora, chegaram elles a uma pequena ilha da Terra de Francisco José, e ahí passaram oito mezes de inverno n'uma cabana de gelo, onde por distracções tinham um almanack nautico e uma taboa de logarithmos. É então que as folhas do diario de Nansen se enchem de mais poesia, de mais saudade da terra patria e dos seus, das festas do Natal, da « pequena Liv, que já deve estar tão grande. »

Encontraram por fim na sua marcha para o Sul a expedição Jackson, allí acampada havia dous annos, e logo depois puderam embarcar para a Noruega. Quasi ao mesmo tempo o *Fram*, que

passara mais ao Norte, podia livrar-se dos gelos e voltar de Spitzberg com a sua equipagem completa.

As primeiras noticias que receberam do mundo habitado foram realmente de sensação : as maravilhas dos raios Röntgen, a surra que os japonezes deram nos Chinezes, os preparativos da expedição André em balão para o Pólo.

Apenas chegou ao porto de Vardó na Noruega, Nansen telegraphou ao Governo os resultados da sua expedição :

« A' S E. o Secretario Hagerup.

« Tenho o prazer de vos annunciar e ao Governo Norueguez que a Expedição realisou o seu plano, atravessando o mar polar inexplorado desde o Norte das ilhas da Nova Siberia e explorou a região ao Norte da Terra de Francisco José até o 86°14' Lat. N. Nenhuma terra foi vista ao Norte de 82°.

« O tenente Johansen e eu deixámos o *Fram* e os demais membros da Expedição no dia 14 de Março de 1895, aos 84° Lat. N. e 102° 27' Long. E. Caminhámos a explorar o mar para o Norte do trajecto do *Fram* e depois viemos para o Sul á Terra de Francisco José, d'onde o *Windward* agora nos trouxe.

« Espero o *Fram* de volta este anno.

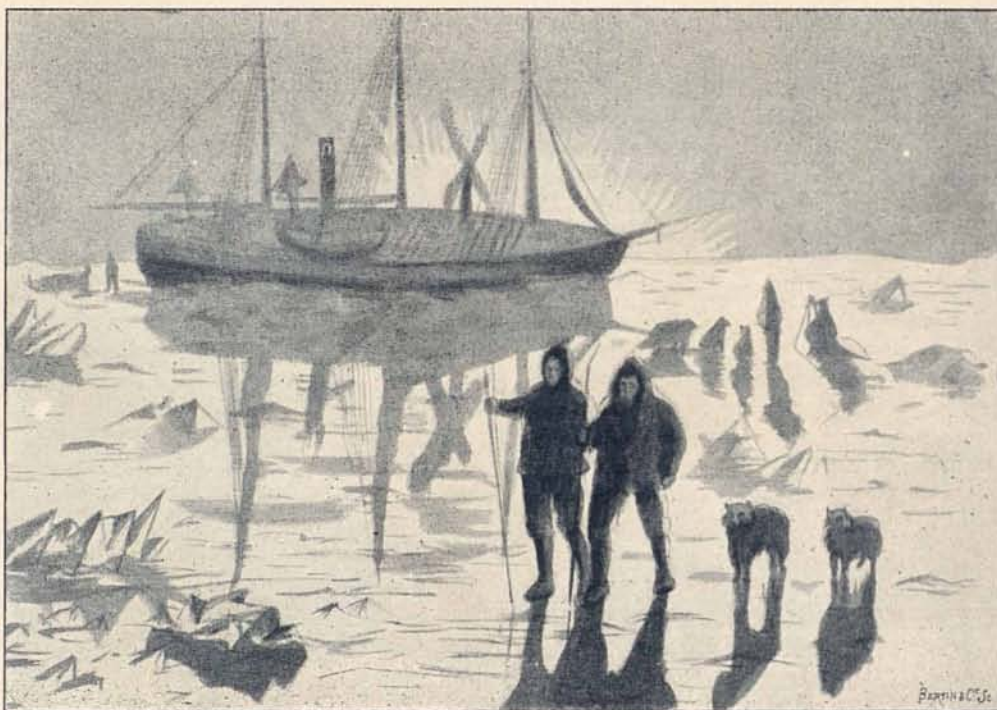
Fridtjof NANSEN. »

Tres annos de trabalho se resumem n'este breve telegramma. O mundo inteiro foi reconhecido ao heróe da sua modesta simplicidade. As medalhas de ouro, as condecorações, as honras civis e scientificas não pôdem mais engrandecer o nome do homem que foi tomado pela grande curiosidade da investigação pessoal do mysterioso Pólo e que se

immortalisou realisando antes da idade madura o pensamento da sua mocidade.

Resta agora que não tenha sido a curiosidade desinteressada o que impelliu Nansen ao seu grande commettimento. Um livreiro sagaz e sedentario explicou-me o alto preço do livro dizendo que « Nansen é commerciante, antes de tudo. »

Assim pois, foi para fazer um livro e vendel-o caro que um homem arriscou capital tão consideravel em dinheiro, vidas e trabalhos inimaginaveis ! Inclino-me antes a crêr que a especulação é outra. As excursões de verão cada vez mais avançam para o Norte; já se vae de New-York ao Spitzberg como aos lagos do Canadá; Nansen quiz tomar a deanteira simplesmente e réquerer a concessão do Hotel e Cassino do Pólo do Norte, com a linha de navegação annexa e o serviço postal — uma for



O *Fram* preso nos gelos.

tuna que cahiria entre mãos dos Americanos atrevidos ou dos Allemães invasores. A empreza dos pic-nics ao Polo deve ser explorada pelo descendente dos Vikings, escumadores dos mares glaciaes do Norte.

PEDRO STEADY.



LIVROS NOVOS

Lou Pouémo dôu Rose (O poema do Rhodano), em doze cantos, texto provençal e tradução franceza de Frederi Mistral.

Um poema em doze cantos e em provençal parecerá um fossil litterario n'este tempo de obras de curto folego e de inspiração rapida e fatigada. Entretanto, este, que é do autor de *Mireille* e *Calendau*, tem sobre os livros contemporaneos a superioridade de não ser feito para o momento e de ser escripto em Provençal. São os dialectos do Meiodia que nos conservam mais pura a alma da nossa raça nos seus poemas. Tempo virá em que, reagindo contra a mixtura odiosa de palavras e syntaxes proprias de outras raças, recorreremos aos thesouros da nova latinidade encerrados nos livros escriptos em dialectos que hoje desdenhamos.

Um rio é uma estrada movente, e o Rhodano é uma longa e bella estrada. Toda a poesia dos caminhos se encontra nas suas margens e sobre as suas aguas, que, vindo das geleiras germanicas, contam ao azul Mediterraneo as lendas da terra brumosa do Norte. Pelo rio descem com os barcos as canções e os amores, as ambições e os dramas da vida vária e inquieta. Não ha nexa mais forte para um poema. Mistral assim o comprehendeu.

De um grande poema tem este, além da lingua sonora e rica, a nobreza da invenção, belleza de composição e uma harmonia que persiste mesmo atravez da tradução franceza. Canta a vida dos barqueiros sobre o Rhodano no tempo em que de Lyon a Beaucaire era o rio sulcado por verdadeiras esquadras descendo velozmente o curso das aguas impetuosas, ou subindo lentamente, á sirga de cavallos marchando sobre as margens, atravez das mais bellas paizagens de França e das cidades onde ainda habita a alma romana. Barqueiro valente é o mestre Apiano, patrão do *Caburle*, que desce o rio levando a bordo um principe allemão, louro poeta que vae visitar Orange, a cidade das ruinas famosas, antigo feudo da sua corôa. Com o principe do Norte descem o rio tres bellas cantoras Venezianas, que são a poesia da Italia sonora e luminosa. E por fim embarca Anglor, a joven enfeitada, que tendo um dia visto o Drago, que é o genio do Rhodano, enamorou-se d'elle e não pôde mais viver longe das margens do rio, onde vaga procurando palhetas de ouro. Com a entrada de Anglor começa o drama. Porque Jan Rocho, marinheiro do *Caburle*, pretende Anglor, e esta, tendo reconhecido no principe o mysterioso amante do seu sonho de noite de luar, sabia pelo oraculo da fonte de Turne que não podia ser de outro senão do genio fatal aos barqueiros do rio. Enquanto isso Wilhem faz a côrte ás Venezianas. As scenas de amor e de ciume se entrelaçam com as pittorescas e animadas descripções da feira de Beaucaire e brigas homericas com os carregadores de Tarascon. No quarto canto o episodio, contado pelo mestre Apiano, da fuga de Napoleão vencido por aquellas paragens é admiravelmente feito. E os mil incidentes diarios da navegação fluvial tiram ao *Poema do Rhodano* a monotonia dos poemas contemplativos, o excessivamente fechado das accões psychologicas, arejam o livro, dão-lhe claridade e o animam com a vida da humanidade ambiente, que se sente.

Chega emfim a catastrophe. Um dos primeiros barcos a vapor sobre o Rhodano, n'uma falsa manobra, afunda o *Caburle*, já de volta para Malatra, terra de Anglor; com o choque o principe é precipitado ao rio, levando a sua bella e os dous desaparecem para sempre. Imprecação final de Apiano contra as artes do demonio, a navegação a vapor e o Drago que lhe enfeitou o barco e acabou mergulhando com a miseranda Anglor nas aguas revoltas do naufragio.

Em edição barata, divulgado pelos campos da Provença, quanto serão tedioso irá entreter a leitura d'este poema em que se respira o amor apaixonado do torrão natal e o culto orgulhoso das tradições de uma grande raça.

Poemas populares quantos os pôdem escrever hoje? A falta de afinção com a alma poetica dos povos se disfarça sob um falso aristocratismo litterario, que não prestigia nem defende os ephemeros poemas insinceros. E a insinceridade provém das necessidades da producção profissional. Cada um de nós quer dar toda a harmonia das espheras e são tão poucos os que cantam a simples canção que alegra ou que consola. Mistral é um d'esses.

Les Jeux Rustiques et Divins, poemas de Henri de Régnier.

Outro livro consideravel e do qual é mais difficil de fallar em uma curta nota bibliographica, tão varios e numerosos são os assumptos dos seus capitulos breves e intensos.

Citar os titulos das divisões e subdivisões do livro e das peças que o compõe bastaria para dar uma idéa do que é o derradeiro volume do poeta de *Tel qu'en songe*.

O volume abre com as *Flutes d'Avril et de Septembre*, sob a invocação de *Arethuse*. Arethusa era uma fonte da ilha de Ortygia aonde, quando se calavam as flautas dos pastores, vinham beber as sereias do Mar. É uma evocação da alma lyrica antiga, mas de um lyrismo escuro, ensombrado da melancolia que o muito saber comunica aos cantos dos modernos. A innocente certeza antiga mais valia do que este perenne e vago terror do desconhecido, da sombra infinita ambiente. Entretanto, porque já nos convencemos de que contemplação poetica quer forçosamente dizer elevação religiosa ao seio da Belleza triste, aceitemos a esthetica por amor da sinceridade do artista e afinemos por ella a nossa momentanea curiosidade das evocações graves e dos hymnos solemnes. Momentanea, porque a fadiga vêm logo da marcha ao longo das naves da cathedral sonora e sombria, cheia de cantos acompanhados a orgão. As notas podem não ser graves: as phrases se enlanguescem no andamento meditativo. As scenas da decoração podem ser graciosas e vivas: uma luz de estranho prestigio, coada pelas vidraças de côres de outros sóes, as spectralisa em atmospheria de sonho. A fadiga vêm cedo, que é a mesma que nos toma quando assistimos sem convicção a uma cerimonia religiosa: o mal estar de não sentir é identico ao de não crêr. Sahindo do templo ou fechando o livro, nos sacudimos de um vago mau humor contra nós mesmos. Este é o effeito dos livros aristocraticos como o dos *Jogos divinos e rusticos*.

Mas ninguem que cultive a belleza da forma e da idéa

póde deixar de voltar á leitura de um livro que abre por um verso estrondoso

J'ai bu le vin sanglant aux outres de l'automne

e que não tem esse unico « bonito verso ». Os quadros se desenham em cada pagina com uma intensidade de visão que só iguala a nobreza da composição e das attitudes.

O poeta apostropha uma estatua funeraria :

Tes gestes ont encor d'avoir porté des fleurs
Une grâce à jamais qu'accourent tes douleurs
Au cippe funéraire où s'arrêta ta route ;
Et c'est ta vie, ô passante, que tu écoutes,
Avec ses flûtes d'or et ses flûtes d'ébène,
Rire par les vergers et pleurer aux fontaines,
Et qui au marbre, hélas ! se veine rose et noire.
A toute joie en pleurs au fond de ta mémoire
Est-il une tristesse aussi qui ne sourie ?
Le fruit qui ressemblait à ta bouche mûrie
Fut-il amer ou doux d'avoir été goûté ?
Ce qui fut valait-il enfin d'avoir été ?
O toi qui sais le soir et qui bus aux fontaines
Parle-moi, Ombre grave, et dis-moi, Psychéenne,
Sous quel destin, silencieuse, tu te courbes,
Plus pâle à ce tombeau, pieuse, où tu t'accoules.

E o poema da *Volta*, obscuro, mysterioso e preciso :

Plus bas que la colère et plus haut que l'amour
Quelqu'un dans le bois sombre a parlé tout le jour :
C'est le Passé qui parle, en songe, à sa Tristesse ;
Ils sont debout, tous deux, face à face ; elle baisse
Sa tête lasse ; une fleur noire est dans sa main,
Fleur fermée et cueillie à celles du chemin,
Car le Passé mena l'Étrangère parmi
Des sables où les pas s'effacent à demi
Avec l'écho que laisse en les âmes lassées
Le souvenir, là-bas, marchant sur nos pensées ;
Et quand ce fut l'automne enfin, avant le soir,
Ils s'en revinrent à jamais, et le bois noir
A frissonné d'entendre ainsi sous ses grands arbres,
Destin debout devant sa stature de marbre,
Quelqu'un qui discourait et grondait tour à tour
Plus bas que la colère et plus haut que l'amour.

Não posso citar tudo, nem mesmo dizer o encanto das scenas em que a harmonia deixa de ser musical para ser pittoresca, com as rimas surdas e os versos que

voltam fazendo a tonalidade em que se embebem figuras e sentimentos na bruma mystica da Poesia ; mas não quero fechar o livro sem lhes mostrar o magnifico quadro symbolico do Poeta e de Pegaso batendo á porta da cidade do sonho.

Groupe d'or le matin et bloc d'ombre la nuit,
Obstinés à jamais devant la haute porte
Fermée au pied divin comme à Méduse morte,
En face du ventail d'airain rude et de fer,
De ma lance d'argent et de mon poing de chair
Je tâche d'ébranler les gonds et les verrous,
Tandis que Toi, saignant du poitrail aux genoux,
T'acharnes du sabot à rompre le battant
Et de l'aube à la nuit, furieux, dans le vent,
Agites, tour à tour, sombres ou embrasées,
Les plumes d'ombre et d'or de tes ailes brisées !

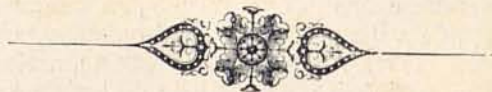
Depois vêm as *Inscripções para as treze portas da Cidade* (Para a Porta das Sacerdotizas, para a dos Guerreiros, das Cortezans, dos Pastores, dos Exilados, para a Porta de Mar e das Viagens), a *Corbeille des Heures* e *Poemas diversos*. E nenhum poema é commum de forma quando a idéa é menos original, porque quando o verso não possue a belleza em si suggere-a sempre pela imagem ou pela evocação harmoniosa.

Ora esta suggestão é o fim da Poesia.

Uma unica censura — se um poeta como Henri de Régnier fosse censuravel — poderíamos fazer contra o tom soturno que acabará por tomar definitivamente a sua Poetica assim empregada exclusivamente em archeologia psychologica e symbolismo pessimista. Sem lhe oppôr a grandiosa admiração de Leconte de Lisle pelos espectaculos directos da Natureza, nem os themas moraes de Sully-Prudhomme, um pouco mais de coragem de viver, de menos abandono á fatalidade, de estima pelo mundo exterior, que é a nossa razão de ser, daria certamente mais animação á humanidade exclusivamente litteraria dos seus poemas. E o que n'elles é sombra vaga ou simples mancha colorida e incorporea tomaria vulto e se animaria, como convém ás verdadeiras creações poeticas.

Mas se elle é assim e se é tão suggestiva a musica dos seus versos...

D. G.



PAGINA COMICA



1



2



3



4



5



6

MONSIEUR PLUMEAU À ESPERA DOS SEUS CONVIDADOS.

ELEGÂNCIA E MODA



Jaquette de visita (*frente e costas*) em panno azul *hussard*, ajustada e ornada de trança preta formando *bolero* e guarnecendo a gola e os canhões Gravata e punhos de gaze branca, ou de rendas.

Chapeu de palha de seda *mauve*, guarnecido de flores *mauves* e de fitas de seda branca.

A nossa pagina Elegancia e Moda, dedicada com immenso prazer ás nossas amaveis e gentis leitoras, de cuja protecção a Revista Moderna tanto espera, será um correio constante da ultimas novidades, que a moda parisiense, em seus mil detalhes, impõe á admiração e ao bom gosto de todo o Universo.

A diversidade das estações, que existe entre o Brazil e a Europa, nos faz crear um servico especial, confiado a uma das primeiras casas de Paris, que fornecerá a todas as chronicas de nossa secção de moda, as ultimas innovações das toilettes de visita, de passeio e de *soirée* acompanhadas de illustrações e modelos, propriedade exclusiva de nosso jornal e cuja actualidade e impecavel bom gosto, estarão acima de toda e qualquer critica. — Acreditamos assim poder dar, em todos os nossos numeros, um *compte-rendu* completo das novidades parisienses, acompanhado de desenhos descriptivos, sempre de accordo com as estações no Brazil.

Indicamos rapidamente ás nossas leitoras algumas das formas de toilette, que com grande successo continuão a predominar. — O infatigavel *bolero* sempre em moda é mais que nunca adoptado com toda a especie de guarnições de galão, dando um pouco idéa das *jaquettes* húngaras. Feito de todos os pannos e em todas as côres, ora

arredondado e curto ora quadrado e longo cahindo até á cintura. As saias ajustadas sobre os quadris, estão muito em voga, sendo toda a roda das mesmas apanhada para traz formando dobras ou *godets*. As mangas, apertadas e desenhando a forma do braço até a parte superior, são ligeiramente *bouffantes* sobre os hombros.

A titulo de curiosidade diremos que as côres de maior successo são o *vert ancien* o *violet* de todas as *nuances* e o cinzento; o vermelho que fez enorme furor nas duas ultimas estações, começa a ser abandonado.

O proximo acontecimento nacional da Inglaterra, isto é o Jubileo da rainha Victoria, parece dar occasião a uma manifestação de luxo e de riqueza incomparaveis, por parte da aristocracia Inglesa. Essa amavel soberana, que tem sempre uma festa qualquer a celebrar, é uma grande protectora das modas Parizienses. As encomendas que começam a affluir, do outro lado da Mancha promettem maravilhas de execução. Para as duquezas de Albany e de Malborough já estão em mãos duas toilettes verdadeiramente reaes, cujo preço excede 100 mil francos cada uma. A fazenda empregada para a confecção das mesmas custará, a bagatella de 120 francos, o metro.



Jaquette de passeio (*frente e costas*). — Esta *jaquette* é direita na frente e ajustada nas costas. Faz-se em panno cinzento claro; é ornada, deante, com tres pregas verticaes abotoando ao lado por 9 botões em forma de azeitona. A gola é recortada e ligeiramente rebatida.

Chapeu redondo de palha natural guarnecido de gaze azul, *chiffonnée* de rosas brancas e de folhagem.



SPORT

O CONCURSO HIPICO



« Tandem » de M. Lefevre.

Ao despertar da primavera parisiense, com todos os seus encantos de verdura fresca e as suas longas tardes cheias de sol, apparece o concurso Hippico, como a primeira nota *sportiva* do alegre alai da bella estação.

O vasto rectangulo que forma o centro do pomposo



« Voleur » saltando a barreira de 1 metro e 70.

casarão, graciosamente denominado Palacio da Industria, transforma-se n'um campo de manobras, onde obstaculos de toda a sorte, e o riacho que o divide, produzem a illuzão de um grande e indefinido espaço.

Desapparecem, então, os « *Five o'clock the*; » cessam

os passeios favoritos no Bosque e as matinées litterarias e musicas ficam desertas; e a cohorte fugitiva do mundanismo serio e do *duvidoso* corre pressurosa a *rendez-vous* geral da moda, onde o sexo *forte* e o *fragil* estabelecem uma *neutralidade* admiravel e commoda que constitue o encanto e prazer d'essas reuniões.

O spectaculo por si mesmo é algum tanto fatigante, pela repetição constante do mesmo programma, que começa na exhibição de attelagens de toda a sorte, desde o pesado vehiculo das pedreiras, á mais leve e pimpante das carroças de confeitiro; desde o vulgar carro de praça á mais rica e luxuosa equipagem particular, attelada de *puros-sangues* e conduzida por profissionaes escolhidos, ou grande parte das vezes pelos respectivos donnos.

Veem, depois, as grandes escolas de equitação, publicas e particulares, com os seus melhores discipulos; apparecem ainda os animaes ensinados e preparados, nas mil phantasias do trote e do galope, fechando a serie das exhibições os innumerados saltadores montados pelos seus proprietarios constituindo, pela sciencia dos cavallos e garbo do cavalleiro, a parte mais interessante e curiosa para os verdadeiros amadores e cheia de sensações e sobresaltos para as pallidas amadoras.

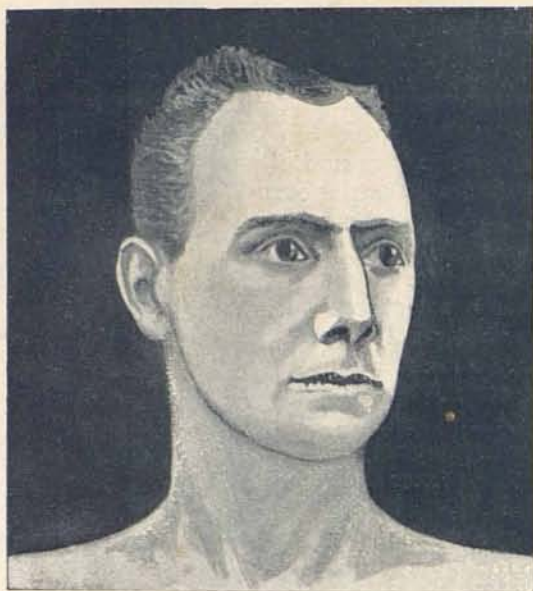
A Sociedade Hippica Franceza fundada em 1866 com o fim especial de animar a producção especial de cavallos para o serviço e remonta do exercito, tem obtido durante os seus 30 annos de existencia os melhores resultados no aperfeioamente da raça creando o verdadeiro typo do animal de carro que ha ainda alguns annos era o monopoleo exclusivo dos creadores inglezes.

A Sociedade organiza, todos os annos, concursos em seis localidades differentes, de França, Paris, Bordeaux, Nancy, Lille, Nantes e Vichy; distribuindo annualmente entre os mesmos, 340,000 francos repartidos em 1965 premios. A nota de maior sensação do ultimo Concurso Pariziense foi incontestavelmente a victoria do Conde de Castelbajac ganhando o *Prix des Habits Rouges* (grande salto de obstaculos) com o seu bello animal *Fille du Medoc* que n'um admiravel salto de 1 metro 70 bateu com grande successo os veteranos premiados como *Porthos*, *Rookery* e o celebre Armagnac.



« Voleur » montado por M. Gomont.

Um Match Sensacional



Fitzsimmons.

A PITORESCA cidade de *Corson-City*, Estado de Nevada, na America do Norte, acaba de celebrar-se no mundo do *Sport*, pelo encontro de dois famosos *boxeurs*: Jim Corbett campeão do mundo e Bob Fitzsimmons pretendente ao mesmo titulo. De ha muito existia uma profunda animosidade entre estes dois illustres mestres na arte de esmurrar.

Todos os Estados da America, recusaram a permissão de semelhante pugilato, nos seus territorios; até que o de Nevada, desejando talvez parodiar a Roma dos Gladiadores, não só autorizou essa luta de sensação, mas ainda offereceu ao vencedor, como insignia da primasia da força, uma cintura de ouro com pedras preciosas, no valor de 90.000 francos.

Foi a 17 de Março, proximo passado, que *Jim* e *Bob* liquidaram esse velho rancor, que tanto os amargurava, deante de uma brilhante reunião de dez mil espectadores, que tinham pago cada bilhete de entrada por 75 francos.

O grande favorito, era Corbett, por quem se apostava 5 por 15.

Ao meio dia em ponto, os dois rivaes entram, solememente, na arena, saudados por *hourras* formidaveis; Corbett, sorrindo, estende a mão a Fitzsimmons que, de olhar duro e phisionomia feroz, a recusa.

Um silencio tragico domina.

O Juiz supremo dá o signal e os primeiros soccos partem terriveis, enviados por musculos de aço.

A luta, no dizer dos amadores, foi sublime de ferocidade e de energia.

Na quinta *reprise* Corbett, que desde o começo conserva a superioridade, reduz o rosto de Bob a uma mascara de sangue. Depois da oitava, Corbett esmorece,

Bob retoma coragem e n'uma luta medonha, corpo a corpo, murmura com raiva aos ouvidos de Corbett: « Jim, vou surrar-te seriamente » — « Bem sei » respondeu friamente o outro.

Na decima-segunda *reprise* Corbett procura ganhar o terreno perdido e o publico, tristemente abatido pela inferioridade manifesta do seu favorito, entrevê, cheio de ancia, essa curta esperança.

Trez vezes Corbett ataca Jim, perdendo admiraveis soccos, capazes de derrubar um touro; na decima quarta *reprise* Fitzsemmons, dominando completamente Corbett, acerta-lhe um terrivel socco no pescoço, enquanto que com a mão esquerda ataca-lhe o estomago fazendo-o rolar com a phisionomia crispada pela dor.

Durante 10 segundos, tempo regulamentar, Corbett procura levantar-se e no momento em que o juiz pronunciava « dez » de um salto, colloca-se de pé deante do seu adversario.

Mas era já tarde.

O juiz acabava de dar a victoria a Fitzsemmons que é proclamado *campeão* do mundo, primeiro entre os primeiros.

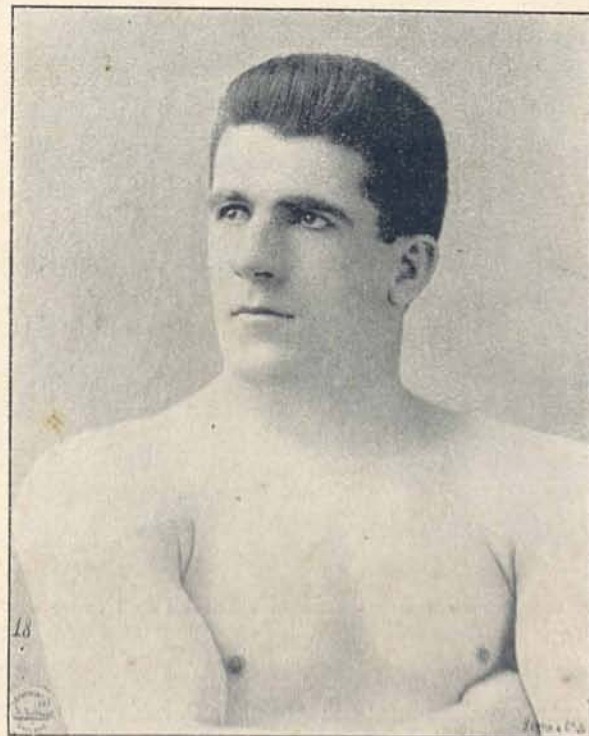
No meio de um entusiasmo indescriptivel, Fitzsemmons grita tres vezes « *hourrah, eu sou o campeão*

do mundo » n'uma alegria de triumpho tanto mais justificada, quanto é certo que o total das apostas e presentes que lhe cabem pela sua victoria, excedem a importante somma de 300.000 francos.

S. MARCELLO.



A cinta, em ouro, do campeão.



Corbett.

alt. n.º 1

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem rival para limpar toda a especie de metal

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S



Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

MAPLE & C^{IA}

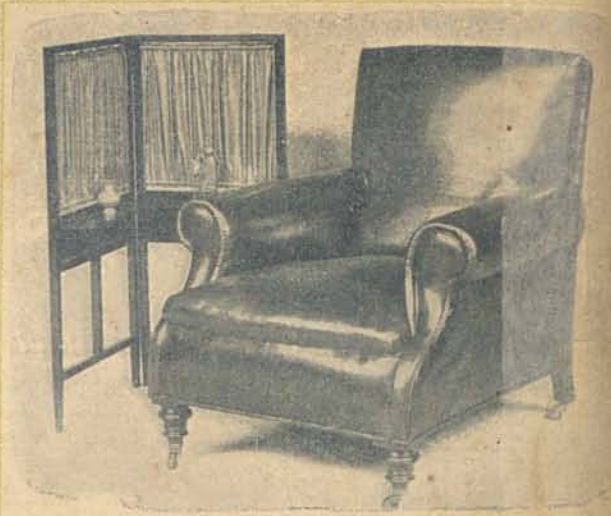
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAFESBURY rica e confortavel em marroquim para bibliothecas, Clubs, e salas de jantar.

MAPLE & C^{IA}

A CASA FILIAL DE PARIS

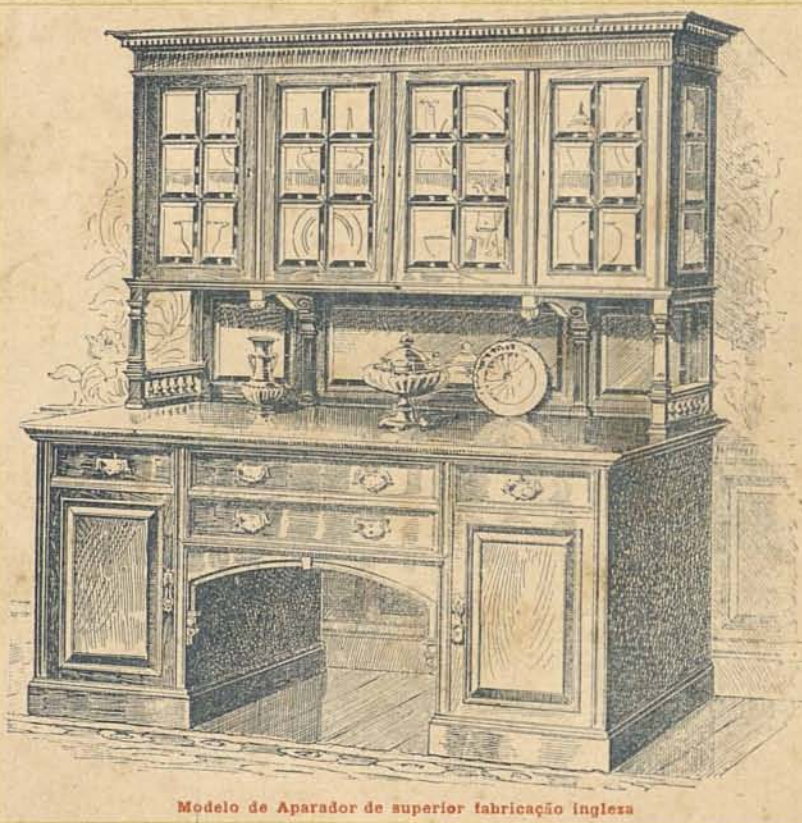
Acha-se situada na rua Boudreau

Próximo da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de grande quantidade de moveis inglezes, todos de primeira ordem e fabricados por

MAPLE & C^{IA}

O gerente e pessoal da casa de Paris, terão o maior prazer em fazer visitar esta exposição, dando aos interessados todas as informações necessarias quanto à compra e expedição dos moveis que se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

MAPLE & C^{IA}

Rua Boudreau

PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

- Mobílias inglezas
- Aparadores
- Estantes
- Quartos de dormir
- Gabinetes de Trabalho
- Mesas diversas
- Poltronas
- Sophás
- Camas — Cortinas
- Tapetes

PRIMEIRA QUALIDADE

Preços reduzidos

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquim, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

MAPLE & C^{IA}

Paris

Poltronas

Cadeiras

de

Escritorio

Conversadeiras

Chaises-longues

celebres

em

todo o Mundo

MAPLE & C^{IA}

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, para salas de jantar, bibliothecas e clubs.